



2020

Diário de uma
quarentena



Comissão Editorial

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda
Ma. Marcelise Lima de Assis

Conselho Editorial

Dr. André Rezende Benatti (UEMS)
Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB)
Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE)
M. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA)
Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA)
Dr. Washington Drummond (UNEB)

Juliana Miranda
Marcelise Assis
Organizadoras

2020
DIÁRIO DE UMA QUARENTENA



© 2020 by Editora Bordô-Grená
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Bordô-Grená

Todos os direitos garantidos. É permitido o download da obra, o compartilhamento e a reprodução desde que sejam atribuídos créditos das autoras e dos autores. Não é permitido alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Bordô-Grená
<https://www.editorabordogrena.com>
bordogrena@editorabordogrena.com

Projeto gráfico: Gislene Alves da Silva
Ilustração do livro: Isis Iasmin da Paixão
Bezerra de Oliveira
Capa: Keila Lima de Assis
Editoração e revisão: Editora Bordô-Grená

DADOS INERTANCIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

D539

2020: [Recurso eletrônico]: diário de uma quarentena / Organizadoras Juliana Aparecida dos Santos Miranda; Marcelise Lima de Assis – Catu: Bordô-Grená, 2020.

1322kb, 96fls.

Livro eletrônico

Modo de acesso: Word Wide Web <www.editorabordogrena.com>

Incluem referências

ISBN: 978-65-87035-17-8 (e-book)

1. Crônica. 2. Quarentena. 3. SARS-CoV2 – Coronavirus. I. Título.

CDD B869.93

Os conteúdos das crônicas são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores

APRESENTAÇÃO

[Juliana]

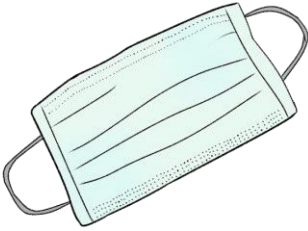
Quando 2019 estava prestes a acabar, corri para ler o meu horóscopo a fim de tentar prever o futuro. As previsões diziam que 2020 seria o ano dos capricornianos – só quem manja dos signos sabe o quanto o capricorniano batalha nesta vida -, eu, uma boa pisciana com o mapa todo trabalhado em capricórnio, não poderia estar mais satisfeita: “este ano vai!”. Eu nunca virei o ano com tanto otimismo e entusiasmo. Janeiro, praia e sol; fevereiro, carnaval na Bahia; março, completei 30 sem qualquer crise: saturno já retornara, o que poderia dar errado em 2020? Sinceramente, eu estou bem curiosa para saber como a astrologia vai me explicar isso tudo, porque, é fato, muita coisa precisa ser esclarecida.

[Marcelise]

Como amiga entusiasmada que sou, óbvio, ouvi as previsões de Juli numa ligação e a confortei com muito apoio “- Conte comigo, amiga! Este ano será seu!”, mas, como uma geminiana que não manja de astrologia, desliguei o telefone e apostei em minha lista de “metas 2020”, criada numa planilha do excel que me olha desde 2018 tentando entender o que há de errado entre planejamento x realização. - Ocorre, querida planilha, que eu tenho tentado, tenho me esforçado, em 2020 eu até comprei uma agenda de papel. Tudo dá certo no final! Embora... pensando bem, acho que preciso procurar uma cartomante (que não seja a mesma que jogou as expectativas de Juliana no fundo do poço).

*

Em meio a isso, nos colocamos a pensar sobre como a pandemia revelou cenários distintos que nada têm de democráticos. O objetivo deste livro não é ser teórico, não é pôr luz sobre os problemas complexos que se mostraram mais evidentes nesse contexto, não que não haja pertinência nessas questões; o nosso objetivo com este livro é servir de registro, um registro simples e honesto sobre como estamos lidando com esse universo atípico. Como estamos lidando com o outro, com nós mesmos e com o mundo.



GAZETANDO A QUARENTENA

Dayane Themoteo da Silva
Manaus – Amazonas - Brasil
27 de abril de 2020

O carro estacionado na frente da garagem denunciava a intenção.

Mas para quem está no Centro e deseja ir para a zona norte, a estrada é bem longa!

- O cachorro não come a três dias! Vou lá, ponho comida e água e volto rápido! Comentou a mulher, colocando a criança no banco de trás. A reflexão contava com o trânsito enfraquecido pela quarentena.

Toda de rosa, a menina gritava com a alegria do regresso: - Vamos pra casa amarela! Êh! E a mãe afobada, com uma cara muito grave advertia para a criança: - Coloque a máscara! Rápido! Ponha o cinto! Vamos! E bateu a porta. Abraçou e beijou o homem amavelmente, esquecendo completamente das recomendações contra o Corona Vírus. Colocou a máscara roxa e entrou no carro. O homem retornou para a reclusão.

O apego aos animais nos faz mesmo encarar muitas situações adversas! Sair do São Geraldo até o Alfredo Nascimento, em plena a pandemia, com a filha, pequenina, realmente é um ato de muita bondade e amor aos animais!

E eu me entretinha com outros pensamentos, enquanto o Uber chegava na saída da Djalma Batista com a Recife.

- O trânsito está parado! Disse o rapaz. - É por isso que o Amazonas está em quarto lugar em mortes na pandemia, prosseguiu.

- Ainda não ganha medalha! Respondi, mas após uma ligeira gargalhada observei mais atentamente, tirando os pensamentos das construções literárias que fazia, e percebi o mar de carros, o mar de gente nas ruas. E estava intenso!

Lentamente o trânsito se arrastava até a Avenida Torquato Tapajós, mas em dias normais aquilo ali era o inferno! Meu Deus! A parada do Carrefour! Está lotada! Muitas pessoas com máscaras e outras tantas sem! Encostadas, umas nas outras!

- Ê! Aqui não tem COVID não! escrachava o Uber. E no rádio o Valdir Correia falava do crescente número de pessoas nas ruas de Manaus nos últimos dias e os mais de quatrocentos mortos. E essa pandemia parecendo negócio da China!

O tempo fechava, o comércio aberto, a rodoviária fechada, muitos venezuelanos aproveitando para oferecer coisas, água, comida e outros apenas

tentando aflorar nossa caridade com crianças entristecidas e fracas, esperando receber em espécie um ato de generosidade. E o céu acinzentava, o vento era forte. A chuva se anunciava com precipitações gordas. E nem deu tempo da mulher com aquela criança se esconderem! Em segundos a Torquato era um mar de água, um mar de carros, nada se via!

- Isso é Deus tentando mandar essa gente pra casa! eu disse, enquanto motorista ultrapassava pela direita e reclamava da falta dos faróis do carro da frente.

- Corona Vírus é leseira baré! disse o homem.

E o caos crescia! Não havia caixões, anunciava o locutor. Gente sendo enterrada em valas coletivas. A chuva caía, e a quarentena parecia coisa de Hollywood. Muita chuva! A sensação de estar no fundo do mar, o para-brisa era coberto de uma água lamacenta. A impressão de estar no fundo do poço! Hospitais lotados, pessoas morrendo. A chuva seguia. O carro entra na Av. Max Teixeira sem ela dar trégua. Na Noel Nutels e adentrando a zona norte da cidade segui calada e depois de alguns minutos o motorista freia, forçado pelo semáforo.

Olho para o lado e vejo a menininha de máscara rosa, me mostra a Baby Alive que segurava e que largou para me mostrar as mãos. Esfregando uma na outra, em movimentos circulares, passando uma nas costas da outra, fazendo círculos na palma de uma mão com a ponta dos dedos da outra. Abraçou os punhos como se colocasse pulseiras, um de cada vez. O sinal abre. Ela me faz um positivo com o dedo polegar e a mãe com um olhar grave.

Mais alguns minutos e chegamos ao destino. O carro para e ao sair o motorista diz.

- Moça, isso é só uma gripezinha! E partiu.

Abro o portão e o cachorro abana o rabo.

- Filha, não tira a máscara! Passa direto pro banheiro pra lavar as mãos se não...

- Pega Corona Vírus! Completa a menininha desanimada.

TUA JANELA, FRONTEIRA

Antonio Cláudio Neto

Olindina - Bahia - Brasil

01 de maio de 2020



Tua janela é agora o não lugar onde todas as minhas vontades conseguem descansar. É a fronteira que separa o séptico do físico. Ela sabe que a gente não tem conserto, tem mudança. Caixas vazias de transportes. Paredes limpas e algo mais forte para beber. Nenhum atravessar de pontes te traz. Nenhum atravessar por trás. O tempo morno sem sol. Esquecer em fronteiras é perturbador.

Agora que meus dedos aprenderam a lidar com a sua fama de cais, qualquer silêncio sobre fazer canções se torna pretexto para acabar mais cedo: querendo deslembrar a ponto de não precisar mais voltar a escrever. Numa dessas ainda perco o interesse para a intuição. Ouvindo o barulho das coisas passando tão depressa quanto as possibilidades de outros encontros.

Viesse de onde viesse, do tempo ou da maldade, nossos medos não se alimentariam das nossas euforias tímidas. Ou não nos importariamos, ou encontraríamos um jeito. Também nem temos como pensar sobre isso agora. As ruas não passam de ficções. O mundo lá fora é falta de ar. Talvez por isso tudo que a cidade agora soluça faz parte de termos nos tornados pequenas mortes.

Que tal não tocarmos mais nesse assunto. Preciso ajeitar aquele artigo. Submeter minha saudade em um *qualis* não sei o que lá. Escrever uma tese. Arrumar mala, vontade, peito, café, processo, almoço, aula, aluno, conta, sonho, cerveja, gozo. O mar de pedras quebrando todas as ondas dentro da gente. Ninguém carrega tantos pretextos em ombros dados ao acaso.

São físicos todos os retornos que compus neste espaço.

Pequenas varandas costumam coragens em exaustão. Sem asfalto. Falta chão. Há um vácuo na tua respiração na minha respiração-umbigo. Sob teu peito, o estado das coisas afirma ausências em demasia. Nenhum atravessar de pontes habita o alívio dos teus cuidados nesta reescrita das minhas quarentenas internas.

NOTÍCIAS DE UM CIDADÃO COMUM

Fagner Costa e Silva

Euclides da Cunha - Bahia - Brasil

01 de maio de 2020



Hoje acordei com uma sensação de uma noite bem dormida, mesmo com sonhos não tão apaziguadores, me espreguicei bem antes de me levantar, fazia um friozinho gostoso, me enrolei mais um pouco no cobertor e comecei a tomar consciência de quem sou, onde estou e em qual contexto vivo. Lembrei-me das narrativas que cercam a representação do meu “Eu” e do contexto atual da narrativa da representação do mundo e do Brasil. O real escapou por entre meus dedos.

Aquela sensação de um sono de infância sem preocupações logo passou e deu lugar a uma pequena angústia a respeito dos rumos que minha vida, nossas vidas, têm tomado neste momento. Vivemos um momento histórico que gerações futuras irão se debruçar em estudos para tentar entender, não é possível captarmos agora o espírito absoluto da coisa, apenas impressões são levantadas. A Coruja de Minerva não está nem um pouco interessada em alçar voo neste momento.

Tenho feito uma analogia do período de quarentena com o de um Estado de guerra. Pensar em um Estado de guerra é saber que na maior parte dos locais onde acontecem os conflitos não está acontecendo batalhas, as tropas rivais não guerreiam a todo o momento, a guerra é feita de calma, de silêncios que precedem os estouros e de tensão, o conflito é a última etapa disso tudo. Vivemos este sentimento, não sabemos ao certo quando irá ocorrer a batalha, mas tentamos nos preparar dentro da angústia e tensão deste estado de guerra, o ar desta quarentena talvez possa estar contaminado com o Coronavírus - CODIV-19, mas com certeza esta contaminado de muito temor. Muitas coisas nos impedem de sermos o que fomos há alguns dias.

Aqui no Sertão baiano, mais especificamente em Euclides da Cunha e Caldas do Jorro, lugares que transito na quarentena, o humor foi a receita para os primeiros dias das notícias da pandemia que brotava do outro lado do mundo e que ameaçava chegar no Brasil. De tudo fazíamos piadas, foram enxurradas de *memes* circulando pelas redes sociais, não sei dizer ao certo se isso foi um fator de desespero ou uma sensação de acharmos que estávamos inalcançáveis por esse vírus, mas com as notícias de que o vírus

chegou ao Brasil, do registro da primeira morte, da centésima, da milésima (No momento em que corro os dedos neste teclado já são mais de seis mil), a piada foi ficando sem graça.

Um dos únicos que insistem em protagonizar um humor fora do contexto atual é o necropolítico Jair Bolsonaro, que sente certo prazer com o caos e com as mortes dos mais pobres, ele e os seguidores de sua seita, o bolsonarismo, são os únicos que continuam rindo do nosso temor, rindo como retardados que entendem a piada por último. São cruéis revestidos do mais puro sadismo, este humor não pode nos interessar, precisa ser combatido e desvelado os interesses políticos por trás dele. Este humor não deixa o rei nu.

O humor, neste momento, que deve apresentar-se para mim precisa vir como um esforço para voltar a sorrir e de não cair em um solipsismo cartesiano e achar que tudo ao meu redor é ilusão; nem por outro lado, de pensar que tudo já está como antes e o vírus vencido. Não, ainda é cedo. O isolamento em minha casa, que basicamente só é quebrado quando meus filhos vêm me visitar, está exigindo um esforço muito grande para me manter em uma rotina de trabalho, estudo e “lazer”. Hoje entendo mais Raul, o principal profeta da quarentena no Brasil: “Detesto patrão no emprego, sem ver que o patrão sempre esteve em você”, isso foi um dos motivos de cravar em minha pele a insígnia “Conhece-te a ti mesmo” para eu lembrar que preciso aprender a ser meu próprio guia e a rir um pouco mais de mim neste caminho. Meu humor brota de minhas topadas.

Vivo duas quarentenas, uma com a multidão que habita o mundo e a outra como uma busca de superar um labirinto de traumas e tornar-me quem sou (Similar às tentações de Jesus no deserto). Descobri que este labirinto é muito mais obscuro e dependente das lembranças das veredas percorridas do que imaginava. Ficar pensando no caminho que andei para sair deste zigue-zague é o que me tortura. É preciso esquecer, pelo menos temporariamente, para voltar a avistar um horizonte, para alcançar a ilusão do *Übermensch* tenho que voar por cima das paredes, não posso seguir o caminho que traçaram para mim, é preciso criá-lo. Esta quarentena interna

que a priori foi gerada por forças externas, tem feito da quarentena coletiva, meu refúgio, na solidão desta, a companhia de mim mesmo está me fortificando. Tenho tornado-me que sou.

Mas viver a quarentena coletiva, a externa, traz a angústia da saudade dos amigos, dos bares, da sala de aula com meus alunos. Sinto saudades dos abraços afetuosos das pessoas que amo, sinto saudades de ser sem me preocupar em perder. “Amar e mudar as coisas” me satisfaria muito neste momento, mas agora a literalidade de Rosa é algo real, “Viver é perigoso”.

Este perigo vai se cristalizando nas mortes que vemos crescerem de forma exponencial no Brasil, toda morte dentro deste período faz com que levantemos suspeitas de estar relacionada, de alguma forma, com esta situação. Quatro mortes, até agora, me causaram uma maior comoção, a de um poeta baiano, de um contista mineiro, de um religioso paraibano além de uma amiga que foi vítima de câncer. Com exceção desta, todos morreram por problemas no coração, talvez o temor que relatei lá no começo desta crônica não entre nas estatísticas das mortes causadas pela Covid-19, mas, caro leitor, entenda que isso é o um fator que deve ser levado em consideração, todos nós, neste momento estamos abalados e com medo, este é um momento histórico que faz brotar o sentimento de solidariedade entre a humanidade, nossos corações se fragilizam e isso é um fenômeno causado pela solidão da quarentena.

Com toda esta angústia vivida, nos perguntamos: Qual futuro nos aguarda depois desta pandemia? Sei que você, leitor do futuro, pode até rir da ingenuidade de minha pergunta, você sabe o que aconteceu, o que o mundo nos revelou, mas saiba que o mundo que deixamos para você, foi construindo neste momento, com temor, medo e um vontade política oriunda do povo para que a solidariedade prevaleça em relação ao egoísmo de grupos que querem destruir formas singulares de vida humana, você que lê este texto foi porque fomos nós que possibilitamos sua vida. “Saiba que estou em você, mas você não está em mim”.

A Europa depois da quarentena da Peste negra acabou com a Idade média, a qual deu lugar a Renascença, espero que algo similar aconteça com

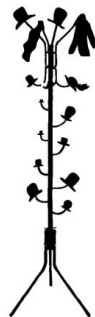
a gente e que possamos ir para as luzes e não para as trevas. Espero que você (leitor do futuro), quando ver a angústia deste isolado homem aqui no interior do Brasil possa entender um pouco o que foi a quarentena no coração dos cidadãos, não apenas nos livros de História oficiais, e reconhecer seu papel destes para a preservação das vidas futuras. Aqui, ao nos consolarmos com as relações virtuais, entendemos a verdadeira necessidade das relações corpóreas humanas, aproveitem isso, é vital para nos fazermos humanos. É por desejo de afeto que resistimos.

A INDESEJÁVEL SOLIDÃO

jjLeandro

Araguaína - To

30 de abril de 2020



Hoje voei de Brasília para minha cidade. A volta para casa ansiada havia ao menos dois dias. Dias em que eu, esposa e filha, em visita ao nosso filho, tentamos antecipar o retorno por causa do agravamento da crise do coronavírus. Brasília, nas estatísticas anunciadas na imprensa, é a terceira unidade da federação mais infectada. Situação grave a nos aumentar a vontade de voltar, deixando o filho coberto de recomendações de cuidado. Sair de casa só em caso extremo, a primeira delas.

Depois de muita negociação, conseguimos antecipar o voo, e hoje, dia 22 de março, domingo à tarde, fomos para o aeroporto. Trajeto desolado de 20 km até lá, ruas desertas não por ser domingo, mas pelos cuidados do início do isolamento contra o coronavírus.

No aeroporto, mais solidão. Quem conhece a agitação do aeroporto de Brasília ficaria chocado com tão pouca gente se não soubesse das restrições que afetam o mundo todo. Mas ainda assim é pungente ver aquela imensa estrutura agigantar-se mais pela pouca presença humana. Vi uns 50 passageiros no saguão, um grupo de homens pressurosos, estava na cara, para voltar também para casa. E era um grupo porque estavam juntos e pareciam metidos em uniforme, talvez de uma grande empresa dessas de engenharia que os despachava para o confinamento em casa. Máscaras em todos, como em nós. Passamos longe deles, evitando a proximidade que não incomoda em outros momentos, como sombras silenciosas. Agarrados aos celulares nem perceberam nosso distanciamento. Talvez digitassem na hora para a família 'consegui a volta, chego breve', como nós.

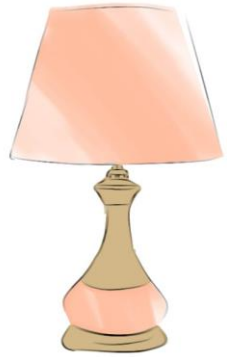
E seguimos para o terminal de embarque. Nos corredores até lá, o eco de outros dias turbulentos em que por lá passei vibrava em meus ouvidos. Mas era apenas a memória reclamando mais calor humano, que naquele momento limitava-se ao da esposa e da filha. Até o portão de embarque ninguém mais à vista. Corredores e escadas rolantes, só isso, vazios. Lojas fechadas e a desolação realçada da imensa estrutura porque quem deveria fazê-la passar despercebida não estava ali para atrair nossa atenção. Haveria mesmo embarque?, cheguei a duvidar. Sonhava ou era tudo real?

Talvez melhor que fosse um sonho, mas era real. Nas cadeiras ao lado do portão de embarque, outros nove ansiosos passageiros para o mesmo voo. Descemos escadas atrás de um funcionário da empresa aérea mascarado e com luvas. Embarcamos em um ônibus e fomos levados até o avião que nos esperava.

Embarque silencioso. O clima não era cordial, cada um retinha suas dúvidas e apreensões atrás das máscaras. Da pista, enquanto o avião preparava-se para a partida, podia-se ver o imenso esqueleto de concreto vazio, como um aeroporto abandonado. E o que fazíamos ali? Fugíamos de uma ameaça. Não era uma viagem comum como tantas outras já acontecidas. Até a comunicação de bordo da comissária parecia arrastada, como se um cansaço lhe freasse o ímpeto das palavras. Não era cansaço, estava visto, era a consciência do doloroso momento.

Doze pessoas, somente doze, num avião com capacidade para 72. O silêncio pesava sobre todos. Seria o silêncio uma eficiente arma contra o vírus? Não, era mais um inimigo contra o qual nos batíamos. A sensação que tive, comuniquei à filha e à esposa, era que estávamos num voo fantasma. Repito, o cenário era de sonho, ou, para ser mais próximo do real, de um filme de ficção. Sorumbáticas, as pessoas dentro do avião entregavam-se ao silêncio e à inércia. Um jovem, com a mãe e os avós, à repreensão daquela por uma coisa à toa, rompeu o silêncio, sintetizando o espírito geral de solidão, não de abandono da família, mais grave ainda, de abandono da espécie: ‘eu estou triste, muito triste com isso tudo’. E foi deixado em paz porque sua tristeza era universal e a repreensão materna subitamente pareceu mesquinha.

Tocado pelas palavras do jovem, um alerta cruzou minha mente com a velocidade que a aeronave imprimia nas alturas: o ser humano não evoluiu por milhares de anos para viver solitário.



*Anny Karine Machado
Caldas do Jorro – Bahia - Brasil
30 de abril de 2020*

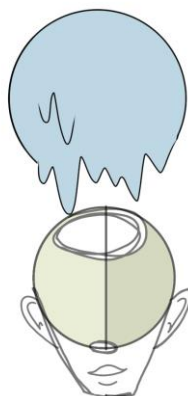
Ontem eu ouvi, novamente, AmaReLo, as vozes em corais dissonantes combinam com esses tempos sombrios e inespecíficos. Ainda assim é triste o poeta que canta o amanhã, tão singelo em sua inexistência. Este amanhã me consome em seu devir. E hoje, sepulto o *carpe diem*, que me asfixia em minha inação deste não ser. Mas, na ânsia de viver, olho pela janela, o gato livre e só, descansa ao telhado, deve ser bom ser um gato, em toda sua beleza, independência e liberdade. Na tela da janela onde a vida se passa lá fora, passa-se aqui dentro também, e olho para outras janelas: felizes, plenas, eufóricas, exitosas cheias de orientação, há outras porém, tristes, incompletas, resistentes, afinal vejo que são janelas e espelhos distorcidos, findas e infindas, que me mostram, tal como o retrato de Dorian Gray que não posso vê-las, vê-las me esvai, e me desfaço em ânsias e devires. Decido então ver outras luzes, outras janelas inscritas dentro de mim e volto mergulho na minha infância, adolescência, eu me vejo antes do retrato entre dores e cores, ainda não gosto do que vejo, parece um filme triste, não me reconheci, que fiz de mim? E choro ininterruptamente... De repente, outra janela se abre, eu me vejo nua, sozinha no meio de uma multidão, pessoas de todos os tipos me olham, apontam os dedos e riem, em desalento, cubro meu rosto e me agacho na tentativa de voltar as origens, a gênese de quem fui, e sinto... sinto o cheiro de ovos, tomates, as areias nas pedras que me atingem, sinto o cheiro de fezes e numa angústia onírica eu fecho a janela Desperto desolada, entre aflições e suores, falta-me o ar, e volto, lá esta ela, minha janela. Me aproximo e ouço o silêncio das ruas vazias que se confundem com o silêncio de meu vazio, de minha angústia de ser. Olho para baixo e finalmente vejo, meu corpo caindo do 8º andar, mas eu não caio. Hoje faz 3 anos que Belchior morreu.

ATÉ O FIM

Wellington R. Fioruci

Pato Branco - Brasil

30 de abril de 2020



Stop. A vida parou ou fui eu? Espera, a vida parou sim. Não totalmente, é verdade, mas as fotos das cidades mundo afora, em confinamento contra o Coronavírus, não me deixam mentir ou ficar parado sozinho. Ruas de metrópoles, antes formigueiros, agora parecem um filme distópico. Ou seria um filme de faroeste, daqueles em que se vê apenas uma bola de feno rolando pela ação do vento? Aqui no Brasil, não se vê feno, nem as ruas estão totalmente vazias. Já a distopia está em toda parte. Também tem muito de conquista do oeste neste país, os povos indígenas que o digam. Em muitos lugares ainda é na bala, como em terra sem lei. Bom, esta é uma distopia que renderia muito filme bom. Aliás, rendeu um filme, “Bacurau”, que não se rendeu. Mas voltemos ao vírus, às ruas. Não, péssima ideia, às ruas não deveríamos voltar, este é o ponto. Os exemplos em outras paragens do globo mostram que deveríamos nos isolar do convívio social para evitar o contágio, pois no Brasil faltam médicos, equipamentos, leitos, e até hospitais. E falta também informação, comida, infraestrutura e vontade de ação do governo. Como faz falta um governo! Se a realidade fosse um filme, meu diretor seria o Kléber Mendonça, pois não haveria rendição e o povo estaria unido e esclarecido. Poderia ser o Tarantino, com reviravolta no ato final e uma vingança catártica contra os opressores. Para os atores eu escolheria o Ricardo Darín, que faria um líder de esquerda assombroso, com aquele olhar que nos hipnotiza ao nos libertar. Tremendo paradoxo. Meryl Streep não faltaria no elenco. Poderia encarnar com sua competência de feiticeira teatral uma governante estrangeira anti-Trump e pró-vida. Meu filme falaria disso, da vida. E da falta dela, de certa forma, porque, para alguns, o que é a vida? Dizem que uma das perguntas mais difíceis da filosofia consiste em responder o que é a felicidade. Entretanto, o que é a vida? Assim Abujamra encerrava suas provocações e, como um Brecht da televisão, questionava seu convidado até colocá-lo contra a parede. Não as quatro do estúdio e sim a parede invisível, que aprisiona o sujeito dentro de si. Quando penso nas ruas do meu país, é nas pessoas que estão nas ruas que penso. Aquelas que trabalham para que outras fiquem em casa, levando comida, remédio, encomendas, outras

peessoas. Aquelas que não têm casa, nem comida ou remédio e encomendam a alma para ter mais sorte noutra vida. As ruas do meu país estão cheias de gente que é obrigada a trabalhar para outros, que não trabalham e ainda criticam aqueles que ficam em casa. As ruas do meu país estão cheias de vida ou de morte? Espera, de vida. Porque ainda há tempo de fazer com que a realidade não seja um filme B, com um diretor e uma equipe de má qualidade. O elenco é promissor, mas falta um roteiro melhor. Eu vejo como a natureza em poucos dias de confinamento se recuperou e penso que o ser humano, com toda sua potência de vida, poderia fazer o mesmo. E das ruas cheias de miséria e opressão, brotassem o prazer e a liberdade. Que das casas privilegiadas se abrissem à solidariedade, à consciência de que não estamos sós. Não se trata de buscar formas de vida na solidão fria da galáxia, mas de buscar a vida logo ali fora, embaixo das marquises, na solidão fria da esquina. Se esta realidade fosse um filme, ele não terminaria, seria talvez uma série interminável, e a cada episódio nos surpreenderíamos com o potencial humano. Seria uma narrativa em aberto, à espera sempre de outro espectador com uma insônia interminável, sedento por revê-la e revivê-la. É assim que nos vejo, reescrevendo nossas histórias e buscando novas saídas para nossa enlacrada existência, antes que um dia cheguem os créditos finais.



*O PÁSSARO PERCEBIDO E AS LIÇÕES DESTE
TEMPO*

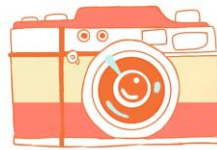
*Gisele de Souza Gonçalves
Foz do Iguaçu - Paraná - Brasil
09 de abril de 2020*

Os dias passam mais do que longos, agora são indecisos. Cada dia é esperado sem saber o que nos reserva. Amanhã quantos estarão aqui? Será que ainda falta muito para chegarmos ao último dia de isolamento? E quando ele acabar, como estaremos? Essas perguntas estavam me deixando angustiada demais no início, então busquei outras formas de fazer passar os dias indecisos: ler, escrever, contar e assistir a histórias. Angústias maiores também são entendidas e repensadas com a ajuda da amizade e do amor. Eles salvam a humanidade. Os livros e a arte também salvam porque nos ensinam sobre estes dois sentimentos. Leio e penso sobre o mundo, sobre a vida e sobre mim. Sobre nós aqui em casa e no fato de que estamos descobrindo cada vez mais como somos amigos e amados.

Cada livro me ensina algo. Quando leio e conto para minha filha, ela aprende algo e eu aprendo com o jeito lindo dela entender a vida e a arte. Meu marido lê e se indigna com as notícias, lamenta pela ignorância, pelos caminhos tristes pelos quais muitos chegaram a um lugar chamado “indiferença”. De mãos dadas nós nos ajudamos como podemos: um dia, eu preciso de mais ajuda e acolhimento; outro dia, é ele quem precisa. Nossa filha precisa de nós sempre, chama sempre: para compartilhar, para brincar, para reclamar... Assim nós três vamos nos ajudando, entendendo, discordando, em conflito ou em acordos próprios da convivência. Vida segue aqui e lá fora. E como está lá fora em outros lares onde não tem conflito e acordo, mas só o conflito? Onde não se tem a leitura, tem só a notícia sensacionalista? Onde não tem a escolha do que comer com os filhos, mas tem a fome? Onde não se tem o que muitos de nós temos aqui atrás das telas? O que eu e você temos feito por um mundo melhor? Apoiamos a igualdade ou o preconceito? Apoiamos oprimidos ou opressores? Isso me faz pensar demais e, quando a realidade me impacta, eu busco abrigo: no amor, na amizade, nos livros e na arte.

Penso que é hora de alimentarmos, mais do que nunca, nossa mente do que possa contribuir com o nosso crescimento intelectual e emocional para nos fortalecer. Dia desses, vi um pássaro que fez o ninho no muro de frente à cozinha – talvez já estivesse ali antes, mas eu não havia percebido –,

todas as vezes que eu preparava alguma refeição ou lavava a louça, ele estava lá, alheio a tudo, focado em chocar seus ovos, pensei “que determinação”. Depois disso, fiz um esforço para meditar, queria ser como o passarinho. O tempo passou, um filhote caiu e morreu, o outro sumiu do ninho que agora está vazio. Eu continuo tentando meditar. Às vezes, penso no passarinho que se foi, mas me ensinou sobre algo: contemplar. Observar a vida é um exercício que faz um bem imensurável, uso este adjetivo porque não consegui descrever ainda o que o passarinho do ninho me ensinou, mas eu já não sou como antes. Acho que os poetas devem ser ótimos contempladores da vida porque escrevem o que não conseguimos explicar, mas sentimos. A vida é uma grande poesia, tenho aprendido muito com os livros, a arte, o amor e a amizade e com o passarinho que já não está quando olho da janela. Eu só quero que quando isso tudo acabar, todos estejam aqui para que eu possa aprender mais com o amor e amizade que temos entre nós.



PLEASE, FOREST, YOU SHALL NOT RUN!

Leticia M^a Quintella Viana

João Pessoa - Brasil

07 de abril de 2020

Minha bisavó tem o costume de dizer que “quem arruma o quarto, arruma a cabeça”. Sempre acreditei nisso, porque nunca havia falhado. Hoje, dia 07 de abril do ano de 2020, faz um mês que arrumo a casa todos os dias e nunca tive a cabeça tão bagunçada. É, vó, me parece que, agora, essa máxima não funciona mais. Entre arruma e desarruma, e arruma de novo, e puxa, e esfrega, e lava, e passa, e cozinha, desenvolvi implacável desejo por elementos que, até então, estavam presentes no meu dia a dia mesmo quando não bem-vindos, tais como caminhar sob a luz do sol – “vou esperar o sol baixar, ninguém merece o sol do meio-dia!”, teria dito outrora – e andar até o mercado para fazer compras. E ao passo em que fui ansiando frivolidades, me peguei cometendo ações que, agora necessárias, jamais haveriam passado pela minha cabeça sem a imperatividade que o vírus emprega: ontem, dia 06 de abril do ano de 2020, confesso: lavei cenouras com água e sabão. Sim, é verdade, em qualquer outro momento da minha vida eu teria dito que qualquer um que precisasse lavar cenouras e limões e bananas com água e sabão, já não tinha mais a sanidade para si. Enquanto lavava minhas dez cenouras, pensava na quantidade de cenouras que já comi tendo as lavado apenas com água corrente – quando muito –, e se eu seria capaz de voltar a não lavar cenouras, pois agora toda lógica na qual pautei minha vida, até chegar a estes 22 anos, não me serve mais – ao menos não por completo.

Contudo, durante esses longos dias de isolamento, não me ocupei apenas de lavar cenouras. Tive a oportunidade de ler *Hamlet* pela primeira vez, na companhia de um amigo que é incapaz de me deixar sozinha, ainda que isolada. Lemos e comentamos mais ou menos quarenta páginas por dia, durante cinco dias, e, em meio ao sofrimento de Hamlet e à morte da corte de Elsinore, fui consumida por uma onda de vida que só a literatura é capaz de gerar. Uma onda que se forma de brisas contrárias tão leves quanto o sopro que acalenta os cabelos de Pã, enquanto ele elabora seus cantos bucólicos, mas que se quebra com a rapidez de Forest Gump, que hoje seria proibido de correr – *please, Forest, don't run*. Foi assim que descobri, mais uma vez, como a leitura constrói esse ambiente propício à expurgação, e

lembrei dos meus 15 anos, quando eu passava as tardes brincando de compor versos e rimas no jardim da casa de meu pai, sem ter a menor ideia de que, sete anos à frente, nem o jardim seria completamente seguro – ao menos não sem um borrifador de álcool 70° ao meu lado.

Lembrando de momentos do passado, me vêm à mente esses sonhos estranhos e curtos que venho tendo desde que me confinei em meu próprio refúgio: meu quarto. Pesadelos com aqueles que amo e já não posso mais ter ao meu lado, sonhos de caráter proléptico que, no fim, são incapazes de me fornecer qualquer informação, e insônia, muita insônia e dor de cabeça, e uma “febre” de 37.8° que me aflige durante uma madrugada inteira, e me impele a comprar um termômetro pela manhã como se fosse a última coisa que eu iria fazer, afinal, eis os sintomas do temido Covid-19: FEBRE, falta de ar, dor de garganta, e todos os outros indicadores dos mais variados tipos de virose. Virose, invisível e impiedosa. De fato, “a lâmina que não se vê é a mais mortífera”.

Pensamos, construímos, ordenamos, compramos, cobramos, sonegamos, e somos destruídos por um ser microscópico que caminha pelo ar que somos obrigados a respirar desde o momento em que somos agraciados pelo sopro da vida – pois é, nem seu próprio combustível o ser humano é capaz de escolher, mas, do alto de nossa arrogância, conseguimos acreditar que, um dia, dominaremos o mundo, mesmo quando a Mãe-Natureza nos dá claras evidências de que nunca será bem assim.

Foi-me dito que Shakespeare, enquanto isolado por conta da peste, escreveu *Rei Lear*. Eu, escrevo essa crônica, que nunca terá a grandeza de sua obra, mas me permite afogar-me e desafogar-me de mim mesma, que já não sei onde desaguar.

*DISPERSOS SENTIMENTOS: NA LINHA TÊNUE
DA ALEGRIA E DO DESCONSOLO*



*Luiza Benicio Pereira
Campina Grande - PB - Brasil
10 de abril de 2020*

Ao abrir a porta do meu quarto, penso em como será a rotina que outrora fazia parte do meu cotidiano. Porém, antes desses pensamentos aflorarem repentinamente, ouço a voz da minha vizinha, a Dona Elza, que constantemente relata em uma confissão íntima, quase que sagrada, a angústia da solidão que teima em pairar em sua casa, em seu íntimo, pois não recebe visitas há dias por causa do afastamento social.

Todos os dias, quando o relógio bate 8h, Dona Elza realiza o mesmo ritual, abre a janela do quarto, sente o vento frio em seus cabelos grisalhos e encaracolados e grita em tom alegre com um eco abafado cheio de desalento:

- Ei, como estão as coisas por aí, minha fia. Você viu a novela das sete ontem? Questiona Dona Elza.

Com ar de constrangimento respondo:

- Mão, eu não costumo ver novelas, Dona Elza. Como a senhora está passando?

- Estou indo, minha querida! Saudades dos meus netinhos sabe. Depois falamos mais, a novela da tarde vai começar.

- Até mais, Dona Elza.

Tento ser delicada, pelo menos ela mantém a rotina, afinal. Após esses acontecimentos que iniciam o meu dia, volto aos meus afazeres, leio um livro aqui, tomo um café ali, vejo uma série lá. Escrevo pelas madrugadas. São tarefas cotidianas que tento realizar para suprir o pensamento principal: a angústia. Talvez ela seja uma velha amiga que me acompanha durante muito tempo, suas visitas não são constantes, entretanto, entender que todos os fatos são incertos e que o amanhã é improvável causa um tumulto no lugar que a angústia e o desespero costumam habitar.

- E as alegrias? pergunta minha mãe

-Ah, minha doce mãe, as alegrias e os desalentos andam de mãos dadas, eles habitam o mesmo espaço, o terreno abscôndito no entranhado do ser.

Replico o questionamento afetuoso de minha mãe, que enche a xícara com café forte, sem açúcar e me ofereci na tentativa de acalantar a minha alma.

Tento não cair no abismo da alegria nem do desespero, sigo minha rotina, a qual encontra-se bagunçada, às vezes não sei nem mesmo em que dia da semana estou, apenas quando preciso enviar atividades aos meus alunos. Ah, neste dia os meus ânimos voltam, o coração bate forte e quando vejo, estou até altas horas da madrugada gravando aula na webcam, anexando documento, fazendo slides. Entretanto, o que eu queria mesmo era dar aula presencialmente, sabes?! falar, escrever no quadro com a caneta que teima em falhar mesmo quando está cheia de tinta, ver alunos prestando atenção e outros dispersos, perdidos em seus próprios pensamentos. A tristeza surge novamente, essa companheira não me solta, sempre próxima.

À noite, minha cabeça dói. Paro um pouco. Bebo um chá dessa vez. Ouço Maria Bethânia, energizo-me. Concluo as aulas on-line, leio meu livro de cabeceira, tento não pensar nos que estão sofrendo, os doentes, os infectados. Relaxar é meu objetivo, alegro-me com minha leitura e, de repente, lá vem a angústia. Reflito baixinho: não vá embora alegria, fique mais um pouco, sente-se ao meu lado, você também tristeza, sentem-se as duas.... que tal caminharmos juntas?!

- Talvez seja sentimentos momentâneos, diz uma voz distante.

Penso que é minha mãe, não foi, enganei-me. Foram os meus pensamentos. Prefiro olhar pela janela agora, igual minha vizinha. Sem refletir sobre o dia de amanhã, sem devaneios. Permaneço entre o contentamento e o desconsolo, caminho em uma fina linha, igual uma equilibrista.

Gustavo Frisso
Rio de Janeiro - Brasil
29 de abril de 2020

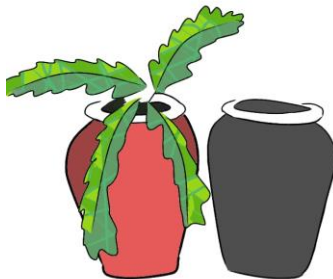


Ele chegou de Nova York em um dos últimos voos para o Rio de Janeiro, o último da American Airlines. Era dezesseis de março, o primeiro dia da quarentena no Rio de Janeiro. Chegou aqui no dia dezessete pela manhã. Eu tinha mais medo por ele do que por mim. Insisti para colocar uma máscara e ele a colocou. Me narrou mais tarde que todos usavam máscara e eu sabia: era ineficiente. Aquela máscara cirúrgica tinha eficácia de duas horas. Ele voaria por nove horas pelo menos. E estava um silêncio mortal naquele avião. Me disse: ninguém tossiu. Eu insisti: você tem certeza? Eu acreditei em suas palavras. Semanas mais tarde descobriria uma tragédia anunciada em Nova York, no mesmo lugar onde ele esteve no primeiro dia de quarentena daqui, a cidade se tornava o epicentro de coronavírus nos Estados Unidos, um epicentro de todo o mundo. Eu estava apaixonado, ele, também. Estávamos com saudades e queríamos nos ver. Ele chegou no aeroporto e eu queria recebê-lo de braços abertos. A cena estava descrita em minha cabeça. Mas eu fiquei trancado em casa e ele foi direto para a casa dele. Quando chegou em Vila Isabel, descobriu uma catástrofe e me ligou amedrontado: você não vai acreditar, meu colega de apartamento está com uma tosse seca; umas máscaras amareladas jogadas no lixo da cozinha; eu não posso ficar aqui. Então, ele alugou um airbnb em Copacabana, eu o ajudei a procurar. Estávamos tão próximos e tão longes... Eu moro há cinco minutos de onde ele se hospedou por uma semana. Dentro da quarentena no Rio de Janeiro, eu acompanhei apreensivo o início da quarentena dele. Nos primeiros cinco dias não havia nenhum sintoma. Ele poderia estar assintomático. Sem febre, sem tosse, sem qualquer sinal temível da infecção. Eu queria vê-lo. Não me importava em me contaminar para estar ao seu lado. Queria viver uma paixão, mas vivia uma desconexão corporal cada vez mais intensa, ao passo que vivia uma conexão emocional vivaz a cada telefonema dado, a cada vídeo-chamada feita, a cada sinal de recuperação e de um passar de um timing marcado em minha cabeça do tempo restante para ele sair de Copacabana, daquele flart sujo, apertado, escuro, e correr para os meus braços em Ipanema, ficar em meu apartamento sujo, com a encanação precária, com um cheiro forte de esgoto

típico de prédios velhos. Dez dias se passaram e nenhum sintoma lhe visitou. Então foi sorte? Eu lhe perguntei em uma dessas conversas. Talvez, ele me falou. Eu queria vê-lo o mais rápido possível. Além de todos os problemas de uma quarentena dentro de outra quarentena eu ainda carregava o peso social do distanciamento e carregava todas as suas consequências se eu o rompesse. Eu divido o apartamento com um colega de mestrado. Eu não poderia colocar em jogo a saúde dele, pois já não importava com a minha por estar apaixonado. Bem que os dizeres literários prezavam a irracionalidade do amor. Eu estava sendo racional até aquele momento. Eu respeitei a quarentena dele após a viagem e entendíamos um fato comum: se você não está com nenhum sintoma, então a gente pode se ver. E eu ainda lidei com um fato muito corrosivo para mim: eu sou incapaz de me expressar com facilidade. Escrever sempre foi meu refúgio. Mas continuar me apaixonando por quem chegou de viagem dependia de minha incapacidade argumentativa em encarar meu colega e perguntar se eu poderia ver o viajante por quem me apaixonei. Então, nessas ideias mirabolantes de uma criança de dez anos eu inventei um plano para quebrar esse distanciamento social entre dois apaixonados, sem desrespeitar o isolamento social e a quarentena prezada por meu colega. Podemos nos encontrar no Zona Sul (mercado) da Praça General Osório? Eu lancei essa ideia para ele. Nem precisou pensar. Ele rebateu: Mas não podemos nos ver ainda e também não quero te ver de longe, sem poder abraçar. Ele nunca me compreendeu: para mim bastava apenas vê-lo em minha frente depois de vinte dias me esquecendo lentamente de sua fisionomia. Por fim, não nos vimos. Chegou um momento que parei de contar quantos dias eu não o via, e comecei a finalmente contar o dia que o veria. Ele passaria o resto da quarentena aqui em casa, pois o amigo dele estava ainda tossindo muito. Seria arriscado demais voltar para Vila Isabel depois de se auto-quarentenar para protegê-lo de assintomas e para proteger-se de sintomas visíveis de tosse, febre e todo o combo do coronavírus. Eu o convidei para vir a minha casa no dia vinte e quatro de março. Passei por cima de meus medos e conversei com meu colega. Expliquei toda a situação desse viajante e ele

nem se importou. Eu me corroía com medo de encará-lo e receber uma resposta negativa e coercitiva sobre as possíveis quebras de um isolamento social. Eu o vi, como nunca o pude ver. Ele chegou e eu não pude abraçá-lo. Ele foi direto ao banheiro. Lavou suas mãos. Descartou a máscara usada e então, após longos dias e alguns minutos sem senti-lo propriamente, eu o abracei como se fosse a primeira vez. E era a primeira vez. A primeira vez que cultivava uma paixão, numa quarentena, eterna.

*EM TEMPOS DE QUARENTENA VIVENCIE-SE E
FLORESÇA*



*Verena Miranda Barbosa
Itaberaba - Bahia
08 de abril de 2020*

Em meio a fina poeira do cotidiano e desta necessária quarentena que habita em mim, imaginei tantas coisas, busquei construir ideias mirabolantes e sonhar com todas elas! Mas no fundo percebi que neste brusco momento não preciso ser produtiva, preciso ser criativa! Então, utilizando-me de tal criatividade resolvi faxinar-me, me reinventar, revisitar minhas memórias afetivas, meus sonhos, amores e dores. E ao embarcar nesta aventura fiz uma faxina geral em minhas formas de viver. Comecei pelo coração, ele que está tão molinho, derretido de tédio e de esperança. Lhe supliquei coragem, três vezes mais coragem para continuar descobrindo quem somos ou nos tornamos neste mundo de instantes, sonhos, ilusões e (in) verdades! Logo após, revisei minhas memórias, abri a tão sonhada caixinha de recordações e encontrei meu baú de miudezas perdido pelo tempo. Estava todo empoeirado pela fina recordação dos dias em que eu tentava ser eu. Onde as fotos me lembravam que eu podia comer algodão doce na rua, onde andar de bicicleta era rotina e ir visitar o mar e o pôr do sol era um mantra concebido ao mesmo tempo. Corri e comecei a vasculhar o fundo do baú, de máscara é claro, para não espirrar. Afinal, não queria provocar minha renite, que nestes tempos sombrios, poderia ser confundida com o tal do resfriado tenebroso, o Covid-19. Deus me livre! Clamei as Deusas e continuei. Revirei o baú todo, mas não encontrei uma foto que retratava meu estado mais feliz, afinal era assim que eu queria estar. Todas as fotos importavam é claro, tanto, que acabei montando minha linha do tempo com as mais curtidas. Em falar no tempo é aquele mesmo que tudo cura. Que tudo resolve. Espero que pelo menos a renite alérgica, né? No fundo não sei responder, minha jovem idade não deixa. Ao continuar fiquei exausta, parei e olhei para o relógio da sala aquele que nunca muda de hora. E ao cochilar depois de lavar uma pia recheada de pratos, pego num sono profundo. Sonhei que estava arrumando a mesa do jantar em família, mas que família? Na real, eu comia sozinha há tanto tempo que perdi as contas, devorava meus sonhos meus medos e dores. Comi a saudade que era o prato principal e de sobremesa degustei a vontade de rever todo mundo, num mundo bem melhor é claro! Quer dizer, em algum momento este mundo foi

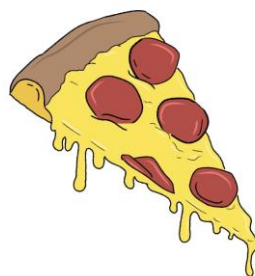
bom? Não sei, mas lutava para que o meu fosse ou ao menos um dia seja. Continuando o sonho, tive que engolir goela abaixo o inconformismo e as lembranças distorcidas de dias que foram vividos. Confesso que fiquei bem alimentada, foram muitas lembranças, e garanto que tenho tido o que comer, não tenho passado fome, embora não esteja indo com frequência ao supermercado. Desfiz a mesa, desta vez a preguiça me cutucou e disse para eu não lavar o único prato sujo que ali estava, obedeci e fui para o celular. Enquanto isso a pia chorava de dor, ela estava com saudade de ficar empilhada aos domingos. E eu de cá dando graças a Deus por isso, com saudades é claro da casa cheia e das brigas por quem ia lavar os pratos. Percebi que os dias com tantos pratos sujos nem com tantas pessoas, ainda que fosse pelas ruas, não voltavam mais, já haviam passado tantos dias que as mensagens de reencontros, promessas e apostas só aumentavam, não dei conta do WhatsApp. Foi aí que percebi que não estava tentando faxinar nada! Nem o meu eu, nem tão pouco a casa que a dias pedia por um banho bem tomado. Sinceramente quem tomava este banho na verdade era eu, e todos os dias para não perder o costume é claro. Pelo menos isto substituía meus encontros com o mar. Afinal, minha alma clamava por limpeza, por conversas e gargalhadas! Deime conta que sigo só com minha companhia. E que algumas coisas são insubstituíveis, são tão mágicas e inexplicáveis que precisamos delas para sobreviver! Nesta hora o abraço de mamãe cairia super bem, por exemplo, o melhor que poderia ter. Em meio a isto tudo, percebi que moro num sonho de quarentena. A realidade chega a ser a mesma dos pesadelos dos sonhos da vida que levo, só que em uma frequência diferente. A sequência dos fatos muda de acordo ao meu humor. Mas minhas escritas permanecem (iam) intactas. Na última página do diário de sonhos que acabei de escrever, revelei-me: - quando eu era cacto me tornei flor. Por isto quero florir, por onde eu for quero florescer flor! Carla

O VISITANTE INDESEJADO

Marcela Caroline Albuquerque Horta

Contagem - Minas Gerais - Brasil

Quarta-feira, 15 de abril de 2020



O relógio não cansa de cantar o seu tic-tac, pelo menos era assim quando ele não era digital. Velocidade: adjetivo do século. O ditado “tempo é dinheiro” fazia ainda mais sentido. O tempo passou a ser pouco, as 24 horas eram insuficientes diante das necessidades. Então, assim de repente, sem aviso prévio, o mundo parou. Literamente tivemos de parar, tivemos de desacelerar. Um visitante indesejado havia chegado, silencioso, oculto, mortal. Ele permanece, não adianta simpatia de vassoura atrás da porta, ele ainda não irá embora.

Então, nos vimos em isolamento social. Era o preço da existência.

Na primeira semana, o sentimento era de repor as energias sugadas na aceleração da rotina diária. Depois de um mês, muitos se sentiram prisioneiros e decidiram se aventurar na selva de pedra. Os corpos inertes e sem vida começaram a se acumular. Os paralisados pela dor e pela falta de ar começaram a ocupar os corredores dos hospitais.

O visitante mostra a sua força. É preciso reaprender a viver.

É necessário pausa, é necessário avaliar velhos hábitos. É necessário valorizar tudo aquilo que sentíamos falta quando não tínhamos tempo, porque agora ele não é moeda, ele é mais precioso, ele é vida.

Já não se faz necessário acordar às quatro da manhã para iniciar a rotina de trabalho. Agora, pode-se dar ao luxo de acordar às sete da manhã, de sentir o vento da manhã e o calor do sol. Já não temos mais o barulho do despertador. Podemos ser acordados por um ser de meio metro de altura e um imenso amor no peito, com seus beijos ou o seu pulo em nosso colo, dizendo “Mamãe, neném acordou!”.

Já não se faz mais necessário comer marmitta. Agora, podemos explorar a mística arte da culinária. Podemos esquecer os poucos minutos de intervalo que tínhamos para comer e nos sentar à mesa, compartilhando o alimento com nossos entes queridos.

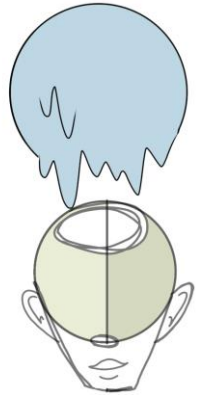
Agora, podemos passar as manhãs sentados no chão da sala, enquanto brincamos com nossos filhos. Ou podemos ter a tão sonhada conversa e compartilhamento de desejos e sonhos com a pessoa amada.

Você aprende que viver em família é ter paciência, é respeitar o tempo e o espaço do outro.

Podemos organizar o esquecido e empoeirado armário. Podemos organizar a papelada jogada na gaveta. Podemos nos livrar da bagunça do espaço que tanto nos incomodava e que ficava para depois. Podemos ter qualidade de vida, mesmo sem frequentar praças, clubes e festas. Podemos perceber que o simples e o pouco é o suficiente.

Devemos esquecer os números e lembrar que somos humanos. Como tal, vamos trazer à tona as emoções que eram abafadas, vamos nos permitir sentir. Vamos nos permitir viver. É chegado o momento de se reinventar, de valorizar o ser que há em cada um de nós, de amar os que estão ao nosso redor, de nos preocuparmos com o estranho, de sermos solidários, de renascermos.

Não lamente estar em casa. Lamente e chore pelas vidas que já não poderão mais ter esse deleite. Reze por elas, reze por nós. Toda grande batalha causa feridas, mas pode gerar pessoas mais humanas e fortes. No fim, o visitante partirá ou aprenderemos a conviver com ele, pois viveremos em tempos diferentes, viveremos uma nova hera, que talvez esteja apenas trazendo de volta os bons hábitos, nos trazendo de volta pra dentro de nós mesmos, nos devolvendo nossas almas, nossas vidas, nos libertando.



RESPIRO

*Kethlyn Costa de Oliveira
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
30 de abril de 2020*

O relógio, para mim, se tornou um objeto duplo. Nestes últimos meses tenho reparado o quanto todo esse sistema de horas nos facilita em muitos aspectos, porém o mesmo pode ser mortal as mais agudas ansiedades. Enquanto o tempo fica no seu eterno passar eu ando conseguindo apenas cronometrar a minha insignificante pequenez humana; além de que já é de praxe dizer que estamos vivendo num eterno domingo, e um daqueles monótonos e caseiros em que ficamos num ciclo sem fim de lamúrias preparatórias para uma segunda que está demorando a chegar fazem muitas semanas. Tudo isso me faz ter um sentimento esquisito e tão identificável quanto a cura para este “vilão” invisível que eu apenas considero um sintoma mundial de tudo o que vem sendo prestado; e se formos raciocinar mais profundamente podemos ter certeza que existem vilões bem piores, e mesmo sendo enxergáveis a olho nu ainda passam despercebidos pelos cabrestos dos dedos que apertam “confirma” e pelas vaidades que gostam de fazer filas para comprar supérfluos. Para mim é difícil respirar como antes, e não porque o ar não esteja ficando mais limpo, mas sim porque a existência tem socado com força a minha cara... *jab*, direto, cruzado; voam-se os dentes, as certezas e a tranquilidade.

Meu pai sempre falou que eu tenho Síndrome de Atlas, e por isso, no calor dos meus vinte e tantos anos, minhas costas sempre doem. Acredito que é por ser de Omulu, sabe... dizem que os filhos têm tendência a pesar demais as coisas e fazer brotar questões psicossomáticas; os ossos, os nervos e a pele – inclusive a pele – começam a borbulhar um “me ajuda, por favor” que vai sendo latente e difuso cada vez em que os pensamentos acabam se tornando mais profundos e perigosos, formando valas com garras terríveis que se alimentam de tudo o que passar pelos neurotransmissores. Eu, sinceramente, queria ser dessas pessoas que pensam menos e fazem mais, assim minhas escritas poderiam ser de maior interesse, com tensões dramáticas e focos narrativos melhor desenvolvidos; infelizmente esse é um campo que me vem sendo difícil de transitar. Não ando conseguindo fazer mais graça, nem ficar batendo em teclas sobre o que os jornais noticiam. Parece que com toda essa situação de reclusão pude voltar a uma quase

essência que me havia escapado com os anos de capitalismo... agora é um momento em que toda a comunicação plena completamente bem articulada e repleta de ironiazinhas, que me serviu como uma linda e útil máscara social, desceu pelo ralo.

De modo algum tinha me olhado tanto como agora, e olha que cultivo vários espelhos em casa e desde a adolescência faço terapia. Não surtei ao ponto de pintar o cabelo de verde e depois raspar, nem quis começar nenhuma espécie de aulas online para pessoas *fitness* ou aprender a fazer pão... tudo o que é muito procurado nunca me agradou, nunca me foi de interesse. Acabou sumindo em mim a vontade de manter a atenção em relações digitais... e assim, no fundo eu sabia que isso iria acontecer porque sempre fui ausente em manter as pessoas; complicado isso, mas me cansa precisar ser cordial. Não que eu apoie a epidemia e considere ela frívola, todavia ando gostando de poder ser a pessoa que se omite do mundo lá fora e prefere viver longe dos tumultos interpessoais. Todo esse tempo tenho exercitado o quanto eu posso conhecer discos incríveis, combinações de cores jamais pensadas e meu estado de planta. E este último foi o que peguei um gosto em especial.

A minha casa é relativamente pequena, mas como muitas das do interior do estado sempre se tem um bom espaço para plantas e galinhas; porém só uso do lugar para as samambaias, guinés, sálvias, alfazemas, espadas de Ogum e Iansã. É como se meus dias fossem eternas meditações em que apenas me preocupo em sete copos de água e olhar para o céu. Às vezes eu me culpo por não estar pilhada em fazer e agir e ser alguém que mereça alguns “curtir” no final de tudo, entretanto ando abandonando toda essa pressão que não sei de onde surgiu, mas é muito das malvadas. É difícil orbitar. Eu apenas queria ser uma árvore para ficar pausada dos meus movimentos animais e me preocupar em “fotossintesear”. Se fosse escolher eu seria uma araucária com todo o seu resplendor ancestral de folhas e caule espinhentos (re) existindo entre as gerações. Filtrando os ares, dando de comer a terra e os bichos.

Fazem sóis de outono maravilhosos e me sinto privilegiada por poder sentir seus abraços que chegam pelo meio-dia e só vão embora quando se põem; todos meus poros respiram numa espiral de cura e eu fico em paz. Queria criar raízes nesse quintal até poder germinar uma nova forma de existir... mirando as nuvens caleidoscópicas, as chuvas, as pipas da vizinhança e as andorinhas que fazem todo o percurso de migração de um ponto cardinal ao outro todos os fins de tarde, as quais passam com suas individualidades de passarinho parecendo dançar com a troposfera.

SAUDADE

*Agnes Morgana Silva
Juazeiro do Norte - CE
26 de abril de 2020*



Há quase dois meses a liberdade está longe. Nos primeiros dias, para dizer a verdade, eu não senti tanto a sua falta, é bom dormir tarde, lendo o livro que tanto gosto. Não foi saudade por quase quinze dias: eu ainda sou a mesma, gosto das mesmas coisas e tenho os mesmos sentimentos.

Com os dias, liberdade, pela primeira vez eu chorei. A saudade de você chegou aos poucos, do mesmo modo como o sol nasce no horizonte, lento e gradativamente. As fotos dos amigos ali no guarda-roupa, não tive coragem de colocá-las no álbum. As ruas estão desertas, até a vizinha fofoqueira está muda. Para não dar gosto à solidão, ah, querida liberdade, eu até mesmo conversei com o pé de jabuticaba no meu quintal, ele sim é um bom ouvinte. Mas uma hora até a jabuticabeira parava de me escutar, até ela sente a sua falta, e eu? Eu ficava novamente sozinha como um cãozinho esperando o seu dono voltar para casa.

Liberdade, eu comecei a sentir saudades até dos passeios pelos lugares feios da minha cidade. Diga-me, por acaso alguém sentiu tanta saudades sua como eu sinto? Posso afirmar com toda certeza de que nossa relação de amor foi dotada de reciprocidade a partir do momento em que te perdi, pois antes eu pensava que poderia me acostumar com a sua ausência. Então, encarecidamente, eu te peço, e até prometo que nunca mais serei a mesma, volta liberdade, por favor!

QUERIDO DIÁRIO (NADA) ESPIRITUAL

Isabela Rodrigues Vieira

Maria Vitória Ticiani do Nascimento

Londrina - Brasil

29 de abril de 2020



A quarentena vai ser fácil. *Home office?* Moleza. Fazer tudo sem ter que me preocupar com os olhos bisbilhoteiros dos meus colegas invadindo meu espaço pessoal e palpitando em cada detalhe que escrevo. Vou terminar tudo mais cedo. Colocar as músicas que quero, levantar e dançar quando me sentir entediada. Vou colocar as séries em dia e fazer *skincare* todas as noites. Finalmente terei um tempo SÓ para mim.

Dia 5

Acho que perdi a hora. Aliás, que horas são? EU ESTOU ATRASADA. Calma. Atrasada para o quê exatamente? Já que já dormi um pouco mais, falo para o meu chefe que a internet não estava conectando e trabalho só mais tarde. Ele não saberá a verdade mesmo...

Bom, não tem ninguém aqui me olhando... ficarei de pijama mesmo. Tomar banho? Não... melhor pedir comida. Estou com preguiça. Puts, Pedro. Sério que você quer tudo isso para hoje? Não vai dar tempo. Deveria ter tomado banho. Daqui trinta minutos começo. Juro.

Dia 18

Tô com espinhas. Meu cabelo não vê um pente faz uns dez dias, sei lá. Parei de contar. Pelo menos eu tomei banho de manhã, mas tenho certeza de que estou usando a mesma roupa faz uma semana. Tô tentando seguir uma rotina, acordar no mesmo horário, trabalhar durante a manhã. Todo dia eu falho. Mas no outro tento de novo. É muito frustrante. Não consigo me concentrar. O trabalho não anda! Já não tem mais nada na Netflix. Nunca pensei que seria possível assistir *Grey's Anatomy* em três semanas. Eu PRECISO de novidades, dona Netflix.

Dia 27

Se eu não vou usar regata dentro de casa, não preciso depilar a axila, né? Quando foi a última vez que eu cortei a unha do pé? Tô sentindo um furinho se formar na meia, deve estar na hora de cortar. Talvez eu esteja carente. Carente de COMIDA BOA, de uma mesa de bar... Acho que vou ao mercado só para dar um "rolê". Mas... tem que colocar máscara, lavar toda a compra depois, jogar a roupa na máquina... ai, muita função. E eu teria que lavar o cabelo, colocar sutiã... Vamos de compra on-line mesmo.

Dia 33 (acho)

Meu salário foi reduzido. Tomei duas garrafas de vinho sozinha e, agora, estou de ressaca. Acabei com o pote de 5L de sorvete. Talvez eu realmente devesse ir ao mercado, é um item essencial. Decidi que faria exercícios, comecei a seguir vários perfis no *instagram* de academias e essa coisa toda. Até cheguei a assistir algumas *lives*. Deitada. Comendo chocolate. Como essas pessoas conseguem se exercitarem e serem fitness? Eu mal consigo me concentrar para terminar um livro de setenta páginas!

Dia trinta e alguma coisa?

Tô com sono. Dia de ficar na cama. É isso.

Dia perdi as contas

Decidi que hoje seria diferente. Acordei cedo. Escovei os dentes. Tomei banho. Fiz um café da manhã. Usei a agenda - sabe-se lá quando desisti dela - funcionou até o meio dia. Estou tão cansada de ficar sozinha que já comecei a observar a vida dos vizinhos. Não os conheço. Então, dei um nome para eles. O cara, mais velho, que fica o dia inteiro no sofá, se chama José. A esposa dele - na minha cabeça os dois são casados - está sempre bem arrumada para ficar na cozinha trabalhando. Uma verdadeira lady. A chamo de Luísa. Os dois, ontem, tiveram uma briga por causa do último pacote de bolacha. Foi emocionante, torci para a Luísa. Me sinto assistindo ao Big Brother. Talvez eu realmente precise de interação humana.

Dia, noite ou madrugada?

Perdi todo o controle da situação e já nem sei mais como agir... não me lembro como agir de forma *normal*. Estou com saudade da rotina, do sair de casa, do contato humano... não sei mais o que fazer. já reorganizei todos os móveis da casa, faxinei a sala umas quatro vezes e a parede do quarto já está parecendo muito branca. Acho estou perdendo a minha identidade. E comecei a escrever para passar o tempo, mas, ainda, são duas horas da manhã. É. Acho que o dia será longo.



Débora Borsatti
Santa Cruz do Sul – RS / Brasil
17 de abril de 2020

Após um período de seis meses de pesquisa de doutoramento nos Estados Unidos, vivi alguns momentos de isolamento social. Primeiro, por chegar sozinha em uma cidade onde meus únicos contatos eram com a pessoa de quem eu aluguei um quarto e o orientador da Universidade. Depois de quase quatro meses, a chegada do Mateus trouxe o aconchego providencial para enfrentar o inverno de Pittsburgh, cuja rigidez nos manteve muito tempo dentro de casa. Lógico que viajei, conheci pessoas e lugares, contudo, de modo geral, o cotidiano do pesquisador se reflete em um ciclo incessante de leitura, escrita, palestras, conferências, seminários e mais leitura e escrita. Na reta final, aguardava ansiosamente o retorno à nossa terra tropical para rever família, amigos, colegas, e é claro, o sol! Tomar cerveja no bar, bons cafés, açaí na tigela, caminhadas ao entardecer... durou pouco. Aterrissamos em solo brasileiro no final de fevereiro junto com o Corona Vírus, literalmente. Assim, a rotina diária não está muito diferente daquela durante o período de estudos.

Essa semana, não bastasse o estrago das perdas causadas pela COVID-19, perdemos também um grande músico brasileiro: Moraes Moreira. Assim que soube da sua morte, me veio a lembrança de criança, quando escutava os discos de vinil que tínhamos em casa e dançava as animadas canções do cantor de cabelos brasileiroamente cacheados, que no meu olhar infantil, tinha graça. Na época era apenas o ritmo alegre que me interessava.

O isolamento social trouxe a exigência de tarefas que costumamos terceirizar, como a limpeza da casa. Ontem foi o dia de virar tudo de pernas para o ar. Quem não coloca música para faxinar não tem dignidade. Ao pensar sobre o que embalaria a arrumação, rapidamente decidi: Moraes Moreira! Eu até poderia escolher um vinil da coleção que temos e relembrar os velhos tempos da infância, mas fui logo selecionando uma *playlist* no *Spotify* e assim, não ter que interromper o “trabalho” para virar o disco. Ouvi as músicas com outros “olhos” e, entre uma varrida e outra, fui visualizando as palavras e sentindo intensamente a brasilidade que ia muito além da cabeleira do artista. “*Lá vem o Brasil, descendo a ladeira*, ouvi dizer

que a frase foi dita pelo amigo João Gilberto em um de seus passeios na madrugada pelo Rio de Janeiro. A composição retrata cenas do cotidiano de brasileiro, de um Brasil que tinha tristeza, mas tinha também muita esperança no futuro. Não sei se ele ainda existe.

Em frente ao prédio onde residia Moraes, o reporter entrevistou um fã que colocava um singelo arranjo de flores no portão e afirmou: Moraes Moreira representava um Brasil melhor. Aquelas palavras ecoaram na minha mente, que titubiu entre um “acho que sim” e um “será?”. Como no filme de Woody Allen, *Meia noite em Paris*, se eu pudesse voltar no tempo, iria para o Rio de Janeiro dos anos 50 conhecer Vinícius de Moraes e sua tchurma. Aquele é, no meu imaginário, o Brasil dos anos dourados. Era um tempo em preto e branco que Tom e Vinícius nos permitiram enxergar colorido. A ligação do Poetinha com a Bahia, transformada em belos afrosambas, nos levam de certa forma a Moraes Moreira.

Bahia, uma terra que também habita o imaginário dos brasileiros que compreendem a obra de Caimmy, Caetano e tantos excepcionais compositores de lá nascidos. Terra de gente bem humorada, característica marcada no verso em que Moraes Moreira satiriza o fato de que muitas pessoas o confundiam com o Alceu Valença: “*Tem gente, tem que pensa que eu sou o Alceu Valença. Também já aconteceu, acharam que o Alceu era eu*”. Ambos cabeludos, porém, Moraes baiano, e Alceu pernambucano. Quem conhece os dois estados e/ou seus habitantes, sabe bem que não se deve confundir. Acontece que o Novo Bahiano transcendeu as fronteiras, da bossa nova ao rock and roll, incorporou o frevo tipicamente pernambucano ao samba bahiano. Não é para qualquer um.

Voltando ao Brasil melhor, que supostamente Moraes Moreira simbolizava, e para o qual, se pudesse eu também voltaria, especialmente após uma temporada na Terra de Trump; aquele Brasil da alegria, do samba, da bossa-rock, de misturas genuínas, um Brasil brasileiro sem tanta bandeira. Mas os tempos são outros e, uma poesia em forma de cordel sobre a vida em meio à pandemia, postada no Instagram, foi a mensagem que ficou para quem não conheceu Moreira de quando se vivia sem rede social.

Dentre os versos lia-se: “*eu não queria essa praga / que não é mais do Egito / não quero que ela traga o mal que eu sempre evito / os males não são eternos / pois os recursos modernos estão aí, eu acredito*”. O bom humor, a esperança e a rima se despediram com Moraes. Morrer dormindo e deixar ao seu país um legado artístico-histórico incomum, realmente, não é para qualquer um.



O SERÁ DA FELICIDADE

Brena Michelle do Nascimento

Maracanaú - Ceará - Brasil

30 de abril de 2020

Se ninguém é sempre feliz e a felicidade está em alguns pequenos momentos da nossa vida, então, talvez, estejamos sendo felizes agora mesmo sem saber. Eu posso estar sendo feliz escrevendo esta pequena crônica, você pode estar sendo feliz lendo estas linhas.

Mas quando nos damos conta de que fomos felizes? Em que momento a felicidade se manifesta? Será que ela só é reconhecida quando a saudade bate forte e você se encontra recordando aquele dia em que podia caminhar no centro da cidade olhando o vaivém das pessoas? Será que a felicidade não estava ali, quando você estava naquela aula chata de matemática e português?

Hoje, presa nessa quarentena, percebo que era ainda mais feliz quando podia ser abraçada, até mesmo pelas pessoas mais chatas da faculdade. Eu também era bem mais feliz quando podia beber aquele café péssimo que vendia na cantina do trabalho.

Meu sorriso saltava quando vinha o ônibus às 22 horas para me transportar durante 50 minutos até minha casa.

Eu sinto que era bem mais feliz quando podia estar perto de tanta gente que nem mesmo me dava conta de algumas presenças.

Hoje estou me sentindo feliz: estando com a minha família e mesmo que esteja surtando com a convivência nada amistosa (às vezes)... Estou com eles. Seria pior se não estivesse.

Estou feliz agora pois sei que quando tudo isso acabar e eu estiver naquela rotina que me faz feliz, sentirei muita falta dessa rotina de ficar em casa fazendo “vários nadas” e tendo a oportunidade de realizar coisas que minha outra rotina não permitia.

Agora já não estou tão feliz como deveria, mas algum dia vou recordar esse momento e vou lembrar que eu era feliz, mesmo triste, e nem sabia.

O GRANDE ESPETÁCULO – ANO 2020

Vania Elizabeth de Oliveira Souza

Contagem – Minas Gerais – Brasil

30 de abril de 2020



Resisti muito, mas fui vencida pela instigação que paira no ar. E vejo que fui levada a exalar toda sinergia das minúcias observadas nesta dita pandemia. Bem-vindos ao Grande Espetáculo do ano de 2020 pós carnaval no Brasil.

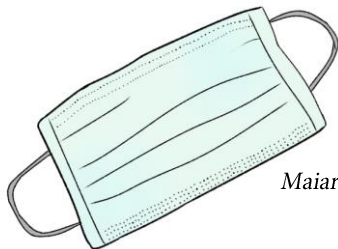
E tudo começou em 18 de março, quando nos foi anunciado na escola que deveríamos aguardar em casa as orientações governamentais sobre o isolamento social. E tudo parou... Nossa, como assim???? A escola, o trânsito, o comércio, as viagens aéreas e terrestres, e tudo mais que se movimentava. Com exceção dos hospitais. E veio medo, o pânico a insegurança. Num cenário de várias fases. Vamos ficar sem alimentos??? Sem álcool gel?? Temos que brigar para garantir o nosso??? Pergunta que não se calava. E a aglomerações iam só aumentando. Passou a primeira fase. Começaram os noticiários de órgãos internacionais de saúde em conjunto com os nacionais, sobre a gravidade do problema e que ainda estava para dar seu bum em início do mês seguinte. E veio a segunda fase, como assim??? Isolamento social total, máscaras caseiras, mãos limpas e sapatos retirados ao entrar em casa. O Pânico começa a tomar conta da população, principalmente dos idosos. E a mídia???? Nem se fala. Só destaca que a curva da proliferação da doença está subindo assustadoramente, e todo e qualquer óbito ganharam um único rotulo “morreu por coronavírus”. Somente após decorrido quase 30 dias, que começaram a divulgar os sobreviventes. E nesse palco de quem morre, quem é suspeito quem sobreviveu, surgem os personagens políticos que querem ganhar seu brilho, seu destaque também. E eis que o palanque se transforma. Os egos, as vaidades políticas cruzam uma batalha entre si.

Em quem vamos apostar?? Quem vai levar o troféu??? Afinal quem manda mais??? É o mais forte??? Deixando a base da pirâmide buscar soluções, com solidariedade, doações, criatividade, e muita fé. Quem cuida de quem??? Eis a questão. Pais, avós, mães familiares, sendo isolados, e a cúpula do país desfila sem os cuidados que os órgãos da saúde recomendam para todos.

Daí as fases seguem, não temos como quantificar quantas mais virão. Observando o movimento nas ruas e no comércio, chega a ser cômico ao ver o comportamento das pessoas, no uso de máscaras e cuidados tão falados e pregados. Cada um com seu estilo, coloridas, estampadas, neutras, tornou-se um complemento do vestuário do cidadão.

Porém, a falta de conscientização do manuseio é hilária. Usa-se máscara no queixo, com nariz para fora, no pescoço, limpa-se o nariz com ela. Quando ela é de pano, mas quando é de plástico, coçam o nariz e depois limpam as mãos nas roupas. Ainda tem os fumantes, que abaixam a máscara, dão a sua fumadinha, jogando a fumaça nos outros, e coloca-se de volta com a mesma mão que a puxou para baixo.

É um momento de muita reflexão e questionamento, qual é o caminho a seguir? Até onde isso vai??? O sistema sequer não se preparou para viver esse momento. É falido, sem estrutura, sem diretriz sem gestão. E a massa a cada dia segue procedimentos e decretos que lhe são atribuídos, sem preparo, sem conhecimento, sem estrutura, e comportamento psicológico. Um palco o qual as máscaras da plateia fazem parte do grande espetáculo.



GOTAS

Maiara Schwertner de Mattos Zadinello

Matelândia/PR

07 de abril de 2020

As primeiras gotas começam a cair, uma a uma em sublime melodia, uma a uma a dançar, escorrendo pela vidraça da janela, ainda embaçada pela neblina.

Levanto-me, e embalada pelos ruídos de fora que, por um momento, são apenas gotas de chuva. Chego à frente do espelho, olho-me tentando buscar em minha mente uma data para esse dia tão perdido em semanas atípicas.

Como um estalo, as gotas de água fria em meu rosto me fazem lembrar que meus alunos me esperam. Visto o jaleco, gotas de café do último intervalo na sala dos professores, quando a vida seguia sua rotina e ansiava pelos fins de semanas, ainda estão ali na borda do tecido. Deixo o café passando e vou para o quarto ao lado onde meus alunos me aguardam.

Gravo uma aula, edito, respondo uma aluna com dúvidas sobre tempos verbais. Sim, minha querida, como gostaríamos de voltar algumas semanas, sem esta pandemia que assombra o presente e torna o futuro ainda mais incerto. Não, apenas respondi o que a gramática pode explicar.

Deixo meus alunos, pego um café, volto à sala de aula, digo, ao quarto. Sento-me à escrivaninha diante da janela e, novamente, meus olhos são atraídos pelas gotas de chuva que seguem caindo. Eu sei! Sei que o inverno torna toda essa situação ainda mais calamitosa, porém, ali, contemplando a chuva, o outono trazendo seus dias frios, o café, mergulho nesse instante egoísta, feliz por estar em casa.

Mais uma manhã chega ao fim, a companhia chega para o almoço, sem pressa em ter que sair. Já não há porque correr e a casa não dispõe de tanto espaço para fazê-lo.

Ligo a TV, o jornal do meio-dia traz um calafrio ao estômago, desligo. Deito-me para ler, viajo a um reino distante, a tempos de guerras e um herói que fazia a paz reinar novamente. Essas palavras, misturadas ao som da chuva que cai constante do lado de fora traz gotas de esperança ao meu coração.

E de repente, um desejo: chocolate quente. Deixo o livro sob o sofá e vou para a cozinha. Logo a primeira gota desse quente néctar toca meus

lábios, perfeito para dias chuvosos. E, mais uma vez, mergulho nesse instante egoísta, feliz por estar em casa.

Porém o tic-tac do relógio me revela que do lado de dentro os dias são mais longos. Oportunidade para uns, tortura para outros. Já li, acabei de tomar chocolate quente, as aulas estão preparadas e as gotas de esperança em meu coração se recusam a assistir o noticiário.

Volto ao quarto, o mesmo da sala de aula, que em outros tempos foi escritório e depósito – conhecido também como quartinho da bagunça – nele, um armário. Abro-o, teias de aranha e poeira andaram tomando posse das coisas que a rotina acelerada não me permite tocar.

Pego uma caixa e busco recordar as regras daquele antiquado jogo de tabuleiro que, em dias de quarentena, tornam-se a novidade e alegria da casa. Parte de mim, sempre envolto a tantos afazeres, havia esquecido quão prazeroso era se sentar no chão diante de um tabuleiro de madeira.

Sem ver a hora passar, a noite chega, e a chuva? Continua ali. Noite de fazer aquela receita para a qual eu nunca tinha tempo, mas meus dotes culinários se resumem a rechear massas prontas de pastéis. Mas que delícia!

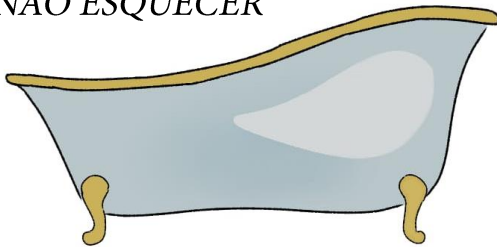
Volto para o livro sob o sofá, continuo lendo e embalada pelas gotas de chuva, adormeço. Sim... Aqui mesmo, no sofá, afinal amanhã é domingo, eu acho...

ESQUECER DE NÃO ESQUECER

Lucas Leite Borba

João Pessoa - Paraíba

08 de abril de 2020



Deitava na rede, no marasmo da tarde que quase não se esvai e num minuto escurece. O tempo traiçoeiro invocava o meu vazio mais íntimo, mas não me assusto. O eco do silêncio, apesar de não me aterrorizar, precisava ser quebrado. Precisava. Tinha relido recentemente *Ao Farol*, estava empertigado com a leitura. O livro em sua densidade me fazia querer lembrar dele inteiro. Nunca discuti *Ao Farol* com ninguém, tenho medo de manchar sua totalidade que não consigo suprimir. Vasculhando a internet, encontrei um podcast cujo título era *To the Lighthouse – Virginia Woolf*, tinha uma hora de duração. Comecei a ouvir. Eram dois homens e a proposta do programa era a do apresentador contar experiências literárias, fílmicas e artísticas, enquanto um convidado opinaria sobre. A obra era em questão era *Ao Farol*. Os comentários eram bem humorados e densos ao mesmo tempo. Eles tinham feito uma boa pesquisa sobre Virginia Woolf, já que caracteres pontuais da produção e da vida da autora foram bem contemplados. Pelo sotaque creio que eram americanos. O sotaque britânico é inconfundível. Eu escutava o programa de olhos fechados pois não tinha para onde olhar. Qualquer lugar que encarasse não iria sincronizar-se com aquilo que ouvia. Ao dissertar sobre a obra, meus olhos reviravam dentro de mim, como se procurasse pelo cérebro as frases as quais ele se referia. Foi quando o convidado indagou: “Por quanto tempo eles remoem o fato desse senhor dizer que eles não vão visitar o Farol?” e eu pensei: por anos. Mas o apresentador respondeu: “Por umas cem páginas.” Ouvir ele falar sobre aquela obra tão densa em sua simplicidade me fez notar episódios que ele esqueceu. Foi quando ao final ele confessou que sentiu medo, ao terminar de ler o livro, de falar sobre ele. “Tem muitas coisas dentro desse livro, com certeza devo ter esquecido algo. Podem me mandar mensagem caso vocês tenham outras ideias que não mencionei”. Era o meu sentimento. Então lembrei do quanto de páginas e palavras, e momentos, e amores, e músicas, e amizades, e ações e pensamentos, que nem existiram e já morreram, jazem dentro de mim. Sou um cemitério de mim mesmo. Tentei exercitar em mim

o ato de não esquecer. Mas logo pensei, se eu lembrar de tudo, talvez sature de viver. Talvez tudo nasça para morrer. Minhas cartas de amores que jurei serem eternos viraram átomos de sentimentos que pairam em algum mar. Tudo que se propõe a fazer é antinatural. A criação é consequência, mas o fim é certo. Nostalgia, eles dizem, lembrar saudosamente de algo que não se sente/vê/ouve há muito tempo. Nostalgia é medida contra a morte, não quero sentir de novo tudo o que eu esqueci. Esqueci até mesmo de não esquecer. O tempo desintegra tudo, nós engendramos. Inventamos o relógio para engendrar o tempo. Mas o tempo é maior que o relógio. O universo se move com a fúria de uma noite a qual não sentimos passar. Estamos no meio do caos da criação, com a certeza do fim. Mas são as dúvidas de seu meio que me assolam a alma. Talvez. Talvez. Tal vez. Já repeti tanto talvez, mas não consigo encontrar outra palavra para traduzir a potência de possibilidades do que aconteceram, do que poderiam acontecer e do que não vai acontecer comigo. Quero esquecer que estou vivendo. Quero não esquecer de esquecer. Esquecer é necessário. Já estava tão dentro de mim que meus olhos piscam quando retorno à superfície do existir. Estava eu navegando no inconsciente de mim mesmo. Já não lembro. O programa acabou. De certa forma, eu também. A condição humana é essa: esquecer. Só quem lembra de tudo são os mortos. Estou na metade. Sou-o incompletamente, às vezes aquilo, outras vezes outro, mas não posso escapar da essência que habita sob minha pele, o poderoso, irrevogável e estonteante vórtice do passado, presente e futuro: Eu.



DEPOIS DE EXTERMINADA

*Thiago Velde Farias
Salvador - Bahia - Brasil
09 de abril de 2020*

Há muito tempo sonho com o dia em que todas as nações instituiriam uma semana dedicada aos seus cidadãos. Seria uma espécie de proibição de toda e qualquer estrangeiro a entrar noutra cidade. A cidade para os seus. Sempre ouvi dos meus amigos a mesma ladainha. Seria impossível. Como ficariam os grandes centros turísticos? Hotéis? Voos? Companhias de viagens? Tudo isso para justificar que a economia iria colapsar. Logo seria inadmissível, dado o terreno capitalista por onde circulamos ou naufragamos. Ano sobe. Ano desce. A cada viagem essa vontade. A agonia de turistas em Paris, Veneza, São Paulo, Salvador... continuava a me imprimir o sonho jamais alcançado. Faz tempo li um texto do rabino gaúcho Nilton Bonder. Talvez tenha nascido aí a semente da semana-fechada. O religioso discutia que os domingos precisavam de feriados, uma alusão ao shabat, descanso divino inspirado no nascimento da Terra. Ele defendia que o mundo andava deprimido e o entretenimento açucarado dos dias não dava conta de preencher “o mais que o humano em nós.” A necessidade desse oxigênio me fez parar diversas vezes dentro de mim. Olhar-me. Aliviar-me. Mas sempre tem sido o fora, a ânsia do nunca-jamais-feito, o grande vencedor desse pódio. Hoje estamos, não num feriadão, mas numa espécie de aspas para o rotineiro casa-trabalho. Já passam vinte dias que estou no nível quatro de isolamento (saindo na extrema necessidade). Outros estão há muito mais tempo. As grandes economias deram um out jamais experimentado. Seria impensável, até recentemente, imaginar a humanidade descontinuada. Saímos duma narrativa improvável para uma realidade tangível. A olimpíada do Japão foi alterada com prejuízos que beiram os trinta bilhões de reais. E, não fosse a invenção do @, estaríamos ainda mais suspensos. Queridos, ver ruas e estádios vazios consegue precisar que houve um movimento para dentro. Não é a primeira vez que o Planeta Terra nos dá esse choque de realidade. Estávamos na fórmula 1 do desespero. Na corrida ensandecida; sem amor; sem zelo. E a Casa disse não. Vamos sair um pouco de nossa bolha e perceber a nossa morada lá de cima – não é tarefa fácil, incluo-me. Voemos ao céu. Olhemos das nuvens. Num planeta finito, a nossa ganância se

encerrava infinita. Porque o valor é agora. O bel-prazer da inconsequência. Não vou romantizar a tragédia, tampouco atenuar a dor das perdas. As vidas que, ao contrário das economias, permanecerão extintas. Saírei vivo dessa? Mas há uma ebulição. Ninguém pode negar. Enquanto diminuimos os movimentos em massa, a Terra descansa. Já imaginaram a quantidade de palitos de picolé, de queijo coalho, guimbas de cigarro, pratos de acarajé, tampinhas... que deixaram de circular nas praias de Salvador? Em toda a poluição nas praias e águas do mundo? E a atmosfera negligenciada por navios, aviões, ônibus, carros? Quanto gás carbônico... O Himalaia está sendo visto do norte indiano. Paisagem que há trinta anos não se via. Nosso Lar está respirando. Um respiro aliviado. Quiçá, ao contrário do que postulam os desavisados, ele esteja nos protegendo e queira ampliar os nossos dias com olhares mais plurais. Em tempo, o tempo está sendo redefinido, reconfigurado. Ele não é só dinheiro, se é que já foi, de fato, um dia. Peço mil desculpas ao Caetano... “aquilo que nesse momento se revelará aos povos. Surpreenderá a todos não por ser exótico. Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto. Quando terá sido o óbvio.” Aquilo pode ser o índio. Aquilo pode ser o tempo, um dos deuses mais lindos.

Ao correr do teclado.

DIAS SEM ALARME

Juliana Barbosa da Silva

Brasília – Brasil

18 de abril de 2020



Já faz dias que o alarme do celular se encontra desativado, já faz dias que acordar tarde não é sinônimo de atraso para o trabalho, mas faz só um dia que uma mensagem de pedido de desculpas à minha tia por não poder ir e não dever comparecer ao aniversário do meu primo (evento o qual inclusive foi cancelado) se constituiu como o maior gesto de amor para com aqueles que compartilham do mesmo sangue que eu. O mesmo vale para as rodas com os amigos, que agora devem esperar por um dia incerto de reencontro, vale também para as aulas que participava, para a cadeira que ocupava e para aquele pão de queijo da lanchonete que saía sempre quentinho no mesmo horário.

Se não fosse pelas comodidades que traz a tecnologia, demoraria para saber que meus colegas de trabalho continuam suas atividades em *home office*, que meu primo estreando seus mais novos dezesseis anos de idade gasta seu tempo com jogos *online* dos quais jura ser o melhor, que meus amigos estão bem em suas casas com receitas deliciosas e exercícios físicos recomendados por um amigo de um amigo. Entretanto, nesse meio tempo, as aulas não causam mais euforia como causavam, o pão de queijo não vai mais ao forno e, mesmo com o passar dos dias, o alarme do celular continua desativado.

Mais um dia com a janela aberta deixo entrar a luz do sol. Uma vez ou outra um pouco de brisa balança a cortina dos quartos, com isso sinto e sei que estou em casa, assim como estava ontem e antes de ontem. A televisão ligada na sala traz para o ambiente um estado de alerta o qual não quero mais. Nesses momentos, os fones de ouvido, que já eram, mas que agora assumem com maior esplendor um papel de destaque nessa rotina, criam um contraste com a chuva de notícias, contagens e gráficos de curvas ao favorecer um momento de imersão naquele ritmo bom que só as músicas favoritas podem trazer. Nessa conjuntura, questiono se deveria me preocupar com a minha autoalienação ao fazer isso? Trocar a realidade por um refrão clichê. Ou deveria me preocupar por estar nesse estado de angústia e que, por isso, buscar pequenos alívios em um singelo ato não deveria ser motivo de tamanha inquietação? De toda forma, entre uma

música e outra, vejo que o ícone do alarme do meu celular não está na barra de notificações, esse segue desativado.

Pela televisão que não quero mais ligada e pelas redes sociais que antes traziam tantos motivos para lá se perder de vista o tempo gasto, experiencio um sentimento de impotência, sensação que gostaria que permanecesse desconhecida por minha pele. Tantas ausências, o que posso fazer? Reflito e noto que costumamos nos sentir como grandes protagonistas de nossas vidas, a ilusão de que por isso tudo ao nosso redor está sob nosso controle, no entanto, esse pensamento se esvai quando se vê que nessa luta, se a linha de frente não lhe pertence, lhe cabe apenas ser um espectador. Desse modo, sento e assisto de longe o desenrolar dos fatos e espero que os outros, tão protagonistas quanto eu, façam o mesmo. Que sensação! Com toda essa história penso que não faço nada, enquanto na verdade, estou fazendo tudo. Bela linha de raciocínio, devo continuar? Não. A vibração que vem do meu celular faz a gentileza de me tirar desse processo de contemplação. Alarme? Não mesmo, apenas uma chamada de vídeo dos amigos, acho que já aceitei que não há o que despertar neste aparelho, está tudo desativado.

A tela me mostra feições felizes. Que bom! Eles estão bem. Estão se ocupando da maneira que podem, fazendo suas receitas e suas atividades físicas cada vez mais complexas. Conversamos por algumas horas, cada um do conforto da sua casa. Lembro que já faz um tempo que não nos sentamos à mesa juntos, é nítido que isso tem de esperar um pouco mais. Entretanto, mesmo com uma distância física real, a ocasião ainda nos permite comentar sobre bons momentos. Aproveitei para lembrar com eles o sabor daquele pão de queijo, para falar sobre o meu primo adolescente com o qual se esbarraram uma ou duas vezes, para falar do trabalho e das aulas remotas e, acima de tudo, do dia memorável que vai ser quando o alarme despertar mostrando que acordar tarde não faz mais parte da rotina.

Ah, sonho com esse dia... um dia marcado pelo alarme ativado...

CRÔNICAS DE UM TEMPO QUE NÃO PASSA

Laudilene Macedo Bispo

Itabuna – Bahia - Brasil

30 de abril de 2020



Nesse período sabático, Em que nos fora ofertado, pelo COVID-19, um período para isolamento social solidário... ..pude atentar-me para várias coisas interessantes nesse processo, que me atrevo a contar agora na ordem cronológica das minhas atividades mentais: -De antemão, corriji o equívoco de que *quarentena* não é um período equivalente a quarenta dias, nem tão pouco, é aquele lugar virtual para onde enviamos os arquivos infectados por vírus (outro tipo de vírus, não letal à raça humana, mas que é invisível e pode causar alguns prejuízos financeiros). -Antes do período de afastamento social, acreditava que a casa não podia ficar mais bagunçada do que já estava. Aí, agora, estou presa num *loop* eterno de varre, espana, lava, seca, estende, e varre de novo, para depois espanar, lavar e secar outra vez. Nos intervalos, cozinho e atuo como tutora EAD, tiro uma gata do telhado, sirvo o almoço. E no afã de sentar e curtir a digestão, cometo o grave erro de olhar para a pia. E loooooop! -Falando em tirar gato do telhado, sempre dizia que não curtia muito os felinos, pelo seu temperamento autocentrado demais para alguém excessivamente carinhosa como eu. Sempre fazia o marketing canino, daquele exagero nas demonstrações de amor, lambidas e pulos acrobáticos, tudo pensando em agradar o dono. Realidade: tenho duas gatas, isso, gatas... fêmeas, gênero mais rejeitado pelos criadores de felinos. Achei ambas na rua, vulneráveis. Resultado: Enquanto escrevo, elas dormem calmamente aos meus pés, na minha cama. Não há mais volta. Eu me rendo. - Outra coisa que emergiu nesse período, foi a minha preocupação com os (as) professores (as) do Brasil inteiro. Pois, se já tinham que abrir o Mar Vermelho todos os dias para ensinar aos nossos filhos, avaliem agora que estão tendo que educar também os pais nos grupos das redes sociais, modalidade EAD?! - Lembrei-me também da nova modalidade de comédia do Brasil, os memes, que sempre retratam as brigas de família nos almoços de domingo e feriados. Todo mundo agora com vontade de dar essa *brigadinha* presencial, pois descobrimos que fazer isso à distância é tedioso. Não estou querendo incentivar aqui, os conflitos familiares. Longe de mim. Mas, o contato familiar faz muita falta. E tem gente que passa um mês sem ver a mãe que mora no mesmo bairro, pelo

menos agora tem uma desculpa razoável. - Eu, sempre ansiosa, fazendo cinco coisas diferentes ao mesmo tempo, parei. Criei o hábito de parar, todos os dias, por alguns minutos e meditar. Pois é, agora eu medito (estou repetindo, eu sei, estou assimilando). Medito. Oro. Choro. Respiro e me acalmo. Depois agradeço. -Por falar em gratidão, nessas horas paro também para refletir sobre como sou privilegiada em poder desfrutar da minha casa enquanto as coisas se acalmam lá fora. Sinto, imensamente por aqueles que não podem e principalmente por aqueles mais vulneráveis... - Acabei descobrindo alguns talentos nesse período! Sério! Tais como: Confeitaria: Criei o glacê perfeito para o jogo da torta na cara; Engenharia de Telecomunicações: criei o 'telefone sem fio' que vai de um andar ao outro da casa (e funciona); Engenharia Civil: construí uma casa duplex com materiais reciclados para gatos; Digital Influencer: ando produzindo bastante conteúdos quase úteis para a sociedade; e por último, Coiffeur: cortes de cabelos estilizados em todos da casa, realizados com sucesso. - A amizade merece um parágrafo também, nesse período. Esse isolamento prova que amizade e contato físico não são irmãos gêmeos siameses. A conexão com quem amamos vibra na medida das nossas emoções. O sinal do wi-fi, aquele que você está sempre pedindo a senha, se torna fraco quando a internet que o alimenta não tem qualidade (prometo melhorar as analogias). Alimenta a sua amizade aí, com um sinal forte, com um *como vai você?* ou um *como foi o seu dia?*

Nesse período, também presenciei cenas tristes, bombardeio de notícias ruins verídicas e *fake news*, conflito político *versus* ideológico, excesso de informações e desinformação, insegurança, incertezas; mas, nem só de notícia ruim vive uma quarentena. É reconfortante assistir a essa onda de solidariedade e amor ao próximo que surge nesse contexto crítico. As pessoas têm doado muitas coisas: tempo, dinheiro, conhecimento, afeto e atenção. - Há quem acredite que sairemos melhores desse processo e há quem diga que a humanidade é um projeto fracassado. O que eu sei, é que é possível escolher um lado e seguir o curso da História. De qual lado você está? - Lembrei agora aqui da História, e outro dia estava pensando alto:

Será que ainda publicam aquelas coleções em que concentram os principais acontecimentos do ano em um volume? Como historiadora, vislumbro a grande dificuldade que teremos, num futuro próximo, para explicar o que foi esse combo 2019-2020. Vai ser complicado encaixar esse combo em uma coleção com apenas vinte volumes. - Por fim, andei pensando que o brasileiro é mesmo um bicho engraçado. Tão engraçado no limite da comédia pastelão. Durante essa quarentena voltei ao período romano, apenas observando os fatos reais modernos. Temos no enredo clássico desse contexto pandêmico, diversas cenas e personagens: Roma em chamas; Nero gargalhando ironicamente; o pão e circo em análise, a aristocracia promovendo *after* e brindando a Baco; e os plebeus em seu devido e sagrado lugar na base da pirâmide (só que nessa não tem promessa de ganhar dinheiro em casa, na quarentena, sem fazer esforço).

TEMPO DE AFASTAR-SE DE ABRAÇAR

Wanessa Rodvalho Melo Oliveira

Campo Grande – MS – Brasil

07 de abril de 2020



Hoje é mais um dia comum de quarentena, passar as roupas e organizar as coisas, se não fosse uma febre repentina. Um remédio e pronto... a tarde toda deitada sentindo dor de cabeça, boca amarga e infecção de garganta.

Lá dentro do silêncio uma dúvida surgindo: será que fui infectada pelo Covid-19?

As notícias são as piores, esta semana o quadro de infectados aumentará bruscamente, a primeira morte em meu Estado, briga política, fecha comércio, abre comércio e os meus olhos parecem não contemplarem tudo o que está acontecendo.

Mas chega o momento inevitável, quando o meu esposo vai dormir no quarto das crianças. Agora só posso observar pela porta aberta do meu quarto, como expectadora do que acontece em casa.

As crianças não entendem bem o que está acontecendo, porquê a mamãe não sai do quarto. De repente a cama tornou-se minha companhia. São abraços que não podem ser dados, são carinhos que se silenciaram, o calor do corpo tornou-se solidão.

Meu filho desespera-se ao assistir o jornal:

-Minha mãe vai morrer!

-Eu não quero morrer!

Logo, esta criança de oito anos termina o seu diagnóstico:

-A senhora está infectada.

A mídia aterroriza os brasileiros, faz uma lavagem cerebral e desespera pessoas que como eu, apenas são suspeitas de terem o vírus, mas não estão mal suficientes para fazer o teste. Os jornais só noticiam tragédia, todas as manchetes falam da mesma coisa. Tento me distrair com as redes sociais, mas só existe briga política, cada qual com a sua opinião como se não vivêssemos em um país democrático.

Os dias vão passando... o distanciamento aumento, até ao ponto de ouvir:

-Não rela em mim!

O tempo de afastar-se do abraço chegou, agora ouço as crianças brigarem na sala, o esposo fazendo todo o serviço e eu estou deitada, procurando não enlouquecer dentro dessas quatro paredes, vivendo mais um dia.

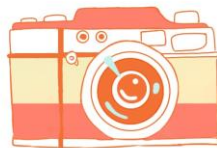
Os instantes parecerem que não acabam nunca, o isolamento domiciliar abala as estruturas dos pensamentos e concludo que os números referentes à essa doença não passam de fraudes. Quantos estão em casa como eu lutando para recuperar a saúde com tantos sintomas semelhantes e uma dúvida insana que me lembra o tempo todo.

-Eu não sou um vírus!

Pareço um verme ambulante. Na clínica quando eu disse que era suspeita de Covid-19, a recepcionista logo se aprontou na sua proteção. Os olhares são de julgamentos. Em casa, não posso tocar, não posso fazer, embora o corpo esteja bem.

É um sentimento de impotência, de desprezo que chega a doer na alma, as palavras se perderam e com elas, todas as juras de amor, o carinho e a atenção. A vontade forte de abraçar meus filhos, de mostrar o quanto são importantes e como preciso deles para ser feliz, tenho que esperar.

São quatorze dias intermináveis, não sei como será quando chegar o tempo de abraçar novamente.



CRÔNICA DO DESASSOSSEGO

Wesley Henrique A. da Rocha

Cuiabá/MT - Brasil

20 de abril de 2020

Há alguns meses nem imaginávamos o que estaria por vir. De segunda a sexta-feira acordava às 6h da manhã, tomava um banho, escovava os dentes, tomava café da manhã. Trabalhava das 7h às 13h, almoçava correndo, pois tinha aulas do doutorado das 14h às 18h. Rotina? Até então, sim. Nem imaginávamos o que estaria por vir.

Todos levando suas vidas, cada um à sua maneira, cada um com suas dificuldades, dessabores e prazeres. Mesmo com as particularidades, tínhamos uma coisa em comum, um inimigo com aliados, que estava à espreita. Algumas pessoas perceberam bem antes e, numa tentativa de prevenção, num ressoar de vozes, tentaram alertar a todos. Até então, essas pessoas que perceberam a ameaça, achavam que esse seria o único vírus a ser enfrentado (estavam enganados).

Poucas pessoas ouviram o alerta. O vírus (esse visível a olho nu) acabou se infiltrando nas entranhas do país. Uma epidemia que já dura cerca de um ano e meio. As consequências da epidemia ainda são incalculáveis. Segundo especialistas, ela durará cerca de quatro anos, podendo durar o dobro desse tempo. O que sabemos, até o momento, é que o país já retrocedeu bastante, houve perda de direitos e de investimentos em saúde, educação, moradia, alimentação, etc. Como em qualquer crise, a população mais pobre é a que mais perdeu. No entanto, de maneira geral, as rotinas continuaram as mesmas. Acordar, trabalhar, estudar, fazer compras...

Felizmente, algumas pessoas que no início não acreditaram no alerta, hoje estão conscientes do perigo que nos espreita. Mesmo com as perdas causadas por essa epidemia voluntária (digamos assim por se tratar de uma epidemia escolhida democraticamente), sabemos que ela tem dias contados. Há alguns meses não imaginávamos o que estaria por vir.

Certo dia, começamos a ouvir rumores de uma epidemia na China, dessa vez uma epidemia compulsória, não tinha para onde correr. Até então eram rumores. Não imaginávamos que tão rapidamente o vírus tomaria conta do mundo e que chegasse ao nosso país. Agora, nós, que já estávamos lindando com uma epidemia, agora, teríamos que lidar com uma pandemia.

No nosso país, a epidemia já instalada facilitou, e ainda facilita, a propagação da pandemia do chamado COVID-19 (novo coronavírus).

Um país. Dois vírus. Um por escolha e outro compulsório. Ambos trabalhando juntos para ceifar vidas e garantir apenas uma delas: a da economia. Diferentemente da epidemia que poderá durar quatro ou até mesmo oito anos, a pandemia não tem uma duração definida. Já que sua duração, na maior parte, dependerá de como o primeiro vírus se comportará diante da pandemia do novo coronavírus. Temos visto que a combinação dos dois não tem sido nada positiva. Ambos parecem ter o mesmo objetivo: ceifar vidas.

Atualmente, as rotinas do mundo todo mudaram. Acordar cedo, trabalhar, aulas presenciais, fazer compras, sair de casa, se tornaram coisas passadas. Com exceção de algumas pessoas que ainda insistem em não acreditar na existência dos vírus no país. No entanto, as rotinas, em sua maioria, mudaram.

Eu, particularmente, tenho trabalhado em casa, por obrigação. Não tenho conseguido focar nos estudos, penso demais nas conseqüências desastrosas da epidemia e da pandemia no país; principalmente nas vidas dos meus afetos e familiares.

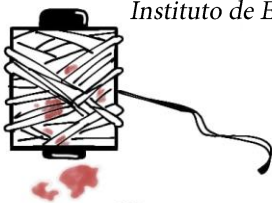
Acordo quando abro os olhos (sem hora marcada), tomo um banho, penso, escovo os dentes, penso, tomo café da manhã, penso, faço algumas tentativas de trabalho, penso e penso, tento ler um livro ou um artigo, penso, penso, penso... Um desassossego constante e, ao mesmo tempo, um tédio assolador. Sei que o mundo jamais será o mesmo e tenho certo medo do que ele pode se tornar.

Há alguns meses não imaginávamos o que estaria por vir. E, agora, não sabemos o que nos aguarda no futuro. Coincidentemente, as mesmas pessoas que perceberam a primeira ameaça, também são as que mais estão conscientes e lutando contra o inimigo invisível que tem ceifado vidas e não esquecendo, obviamente, do inimigo visível que tem corroborado com o invisível.

SEÇÃO DEDICADA ÀS NARRATIVAS DOS ALUNOS E ALUNAS DAS
ESCOLAS:

Sistema de Educação Brasil-Amazônia, Ananindeua-PA

Instituto de Ensino Excelência, Belém-PA



SOBRESCREVER

Me. Felipe Hilan Guimarães Santos

*Professor de Língua Portuguesa, Mestre e Doutorando em Estudos Linguísticos, da
Universidade Federal do Pará – UFPA*

Escrever. Reescrever. Prescrever. Transcrever. O processo de escrita não é nada fácil, é dolorido, é sofredor. Dar-se à escrita requer vontade, tempo, motivação, alma, um pedaço do coração. Porém, diante de uma pandemia que instaurou um estado de isolamento social, escrever tornou-se uma maneira de sobreviver ao caos na saúde, caos na sociedade, ao caos existencial.

Certezas como “somos frágeis”, “somos pó” ou mesmo “somos nada” começaram a se solidificar no terreno da COVID-19 e, mediante ao reconhecimento de nossa finitude, a procura por estratégias de assumir quem somos nessa gangorra de vida e morte nos levou à escrita de crônicas.

Eu assumi o desafio de orientar textos de alunos aspirantes a escritores sobreviventes. Vi a mim mesmo na baila das palavras que, inicialmente, eram um pouco aleatórias, porém aos poucos foram engendradas em parágrafos corpulentos, robustos e com significados intensos. A escrita desses adolescentes me reescreveu. E a minha resposta a cada texto submetido pôde transcrevê-los numa ode de estruturas frasais embebidas de poesia, com sombras de uma amarga realidade.

De maneira geral, pensar em escrever e no próprio ato da escrita nos deu vislumbres da existência, afinal, escrever é uma expressão humana. Somos frágeis, escritores, envoltos em palavras, somos pó misturado com versos, como diz o autor N. D. Wilson.

Escrever é sofrer. No entanto, nesse episódio, raríssimo episódio, escrever foi falar da dor por meio de palavras, expressar a angústia e a esperança por via simbólica. Sobrescrever é sobreviver.

A PANDEMIA QUE UM DIA VIRARÁ HISTÓRIA

Daniel Campos Ribeiro

Elisama Farias de Miranda

Estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, do Sistema de Educação Brasil

Amazônia – Ananindeua - PA

29 de abril de 2020



Lá estava eu na sala de casa assistindo ao jornal, quando, de repente, a jornalista relata que o mundo inteiro está diante de uma pandemia. Eu não sabia ao certo do que tratava o assunto, então, como qualquer outro jovem, ri da situação e nem liguei muito.

Em todos os lugares, a notícia da doença passava, tanto *memes* quanto relatos sérios sobre o vírus tomavam conta da internet, e cada vez mais as notícias iam piorando, e eu já estava começando a perceber que a situação era séria.

Durmo muito tarde e, logicamente, tenho acordado perto da hora do almoço. Tudo isso já virou rotina, um tempo que não passa, uma agonia que permanece dentro de mim. Só queria poder sair de casa e curtir o clima lá fora, porém o próprio clima parece estar sendo afetado pelo vírus. É medonha toda essa situação!

Para tentar mudar um pouco o meu dia, eu leio, jogo um pouco, estudo e descubro novas músicas legais. O único problema é que essas coisas estão se tornando repetitivas e enjoativas, e todos os livros que tenho já terminei de ler!

O que eu quero mesmo é ir para a escola, ver meus amigos, achar graça com eles, ver meus professores, copiar conteúdos, aprender novos assuntos. Até podem ter essas aulas online atualmente, mas nada se compara com estar presente na escola, sentado na cadeira (torta, às vezes), com o caderno e estojo comprados na promoção da loja, e a mochila de marca ao lado.

Desde que o isolamento começou, algumas boas horas do dia passaram a sobrar. Já fiz tudo que tinha para fazer, e o que me restou foi apenas tédio.

Saí para comprar pão e – admito – sinto falta das crianças brincando, correndo e gritando na rua. Olhar pela janela e ver a rua silenciosa sem ninguém é doloroso demais.

É uma experiência que nunca tive. Não imaginei que, um dia, eu iria ver a cidade agitada e barulhenta, com a gritaria e as buzinas, agora tão silenciosa e estranha. A única coisa que eu prezo agora é pela saúde de todos e que tudo isso se transforme em uma história boa, de lição de vida (e de sobrevivência?) para contar aos nossos descendentes.

ENTRAVE

Ingridy Bianca Santos do Nascimento

João Vitor Cristo Quaresma

Estudantes do 1º ano do Ensino Médio, do Sistema de Educação Brasil-Amazônia

Ananindeua – PA – Brasil

28 de abril de 2020



Certo dia eu acordei angustiado, sem propósitos definidos para fazer na minha quarentena. Sentindo-me entediado, segui a mesma rotina de todos os dias. Levantei-me da cama triste e pensativo e fiquei refletindo sobre a situação em que o mundo se encontra.

Lavei o rosto e escovei meus dentes, sentei-me à mesa com meus familiares. O assunto mais comentado era sobre a pandemia. Todos os dias era o mesmo blábláblá, e meu pai parecia ser o mais preocupado, pois é diabético e tem uma possibilidade maior de adquirir o vírus e ter consequências mais graves. Porém, mesmo com todos esses problemas, ele ainda consegue ser uma pessoa amável.

E quanto a mim? Eu já não aguentava ter que resolver questões online e acompanhar notícias ruins. Eu tentava ocupar minha mente lendo ou assistindo televisão, mas não se falava de outra coisa além do vírus. Já não aguentava mais ouvir notícias relacionadas à pandemia, e isso estava acabando com o meu psicológico, me deixando angustiado e preocupado com familiares e amigos ao meu redor.

Pensava também na quantidade de pessoas que estava morrendo e nos familiares que perdiam os seus queridos companheiros por conta desse vírus. Perguntava a mim mesmo: "Mas e o psicológico dos enfermeiros ao ver pessoas morrendo a sua frente, aos montes, sem poder fazer absolutamente nada?!" Realmente deve ser algo terrível.

Como sou o único jovem na minha família, eu tenho o sistema imunológico mais "inabalável". Saí às ruas para comprar alimento para nosso sustento, coloquei a máscara, passei álcool entre os dedos das mãos. Pensava em manter distância e evitar contato físico a qualquer custo.

Caminhei sobre a rua pequena, estreita e que deveria estar mais tranquila, mas ali próximo havia um comércio bem movimentado durante a semana. Algumas pessoas pareciam ser prósperas e pretendiam ficar mais ainda para gastar seu dinheiro com futilidades. Era intenso o movimento sobre as calçadas.

O sol batia em meu rosto, sobre as lentes dos óculos, e os deixava escuros por conta do antirreflexo. Parei para observar o número de pessoas

que havia naquele local, e era incrível a maneira com a qual os cidadãos lidavam com a situação. É como se estivesse tudo bem. Sei que alguns ali estavam para tirar o sustento de sua casa. Por causa do vírus, tem ocorrido uma grande crise financeira em todos os países afetados.

No comércio, alguns tinham cuidado, outros não, talvez achando que, por conta da idade, irá ser imune ao vírus. Voltei para casa com algumas compras, depois tentei ocupar minha mente assistindo ao *YouTube*.

Ficava uma ou duas horas sentado naquele mesmo sofá de todos os dias, repetindo as mesmas práticas, resolvendo as infundáveis aulas online... Talvez isso fosse a coisa que fugia do comum, pois nem todo dia tinha aula. Por meio de sala virtual, eu podia ver o rosto de poucos professores na tela, tirando dúvidas, me distraindo, pelo menos mantendo uma conversa saudável e fazendo algo de útil.

Depois que terminava, eu ia ler um livro, tentava inventar mais coisas na minha agenda superlotada, enfim... Só não queria ser uma planta em casa. Tentava até praticar coisas que minha mãe fazia, como lavar louça ou varrer a casa. É! Eu estava mudando, não me sentia mais o mesmo.

Minha grande preocupação era: e se essa quarentena continuar por mais 5 meses? Será que eu iria surtar? Enfim, essa pergunta eu me faço ainda hoje e, assim como todos os dias, nem eu consigo mais me reconhecer para responder a isso. A quarentena me mudou. A quarentena nos mudou. Estamos procurando a nós mesmos nesse caos generalizado. Quem eu era antes disso tudo? Sei bem dizer. Mas quem sou agora? Estou tentando explicar.

Sigo minha vida, por enquanto, como essa incógnita. Não sei bem o que fazer amanhã, meus planos ficaram estacionados, esperando pela rotina normal. Viver uma aventura às vezes é bom, por mais que ela seja boa ou ruim. Como dizia minha avó: “tudo é um teste: quando você passa por muitas coisas ruins, por mais que elas durem muito, virão coisas muito melhores”. Fico com essa lição reverberando na minha cabeça. Ela deve estar certa (tomara que sim!).

INVASÃO

Guilherme Veiga Moraes

*Estudante do 9º ano do Ensino Fundamental, do Sistema de Educação Brasil-
Amazônia*

Ananindeua - PA - Brasil

28 de abril de 2020



Estamos num momento realmente complicado em que não é permitido tocar, abraçar ou manter qualquer tipo de contato com o outro. Eu não sou tão extrovertido, a ponto de sair falando com todos sempre e sorrindo aleatoriamente, porém também tenho sentido a mudança da rotina diante dessa situação.

Ficar preso dentro de casa não é uma das melhores cenas. É como se estivesse ocorrendo uma invasão alienígena lá fora e precisássemos nos acomodar aqui dentro, para fugir de possível ataque.

Mas esses *aliens* podem entrar nas casas por meio das próprias pessoas... Hospedeiros do vírus?! Quem diria! Estamos encurralados...

Enquanto não se pode sair de casa, eu não paro de pensar o quão ruim pode ser para uma pessoa de condições miseráveis não poder trabalhar para alimentar suas famílias, e o quanto pode gerar caos no país por conta disso.

Que sobrevivemos à invasão. Não será fácil o combate, mas precisamos continuar contra-atacando.

TEMPO QUE SOBRA TEMPO

Débora Guimarães Gonçalves

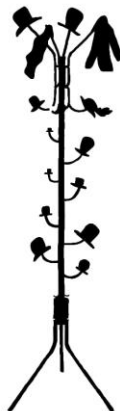
Kimberly Cardoso de Oliveira

Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, do Instituto de Ensino Excelência,

Belém-PA

Belém – PA – Brasil

27 de abril de 2020



Já me acostumei a fazer as mesmas coisas todos os dias: acordar, tomar café, participar das aulas online (já que não estamos de férias), almoçar, dormir, assistir televisão, lanchar, mandar mensagem aos amigos, ouvir música, estudar e dormir novamente. Não há mais roupas para lavar e a casa já está mais do que limpa (embora não seja eu quem lave as roupas e limpe a casa), já li quase todos os livros da minha estante, já joguei todos os jogos que tenho e não aguento mais fazer isso.

Sinto como se o tempo tivesse parado em um domingo, pois geralmente é aos domingos que não saio de casa. E agora é que não vou poder sair mesmo, não com a situação dessa pandemia se alastrando.

Percebi neste confinamento o quanto o calor do sol ao andar pela rua, do qual eu tanto reclamava, é reconfortante, ser surpreendida pela chuva nos passeios é muito agradável. As risadas e conversas de estranhos no ônibus me parecem divertidas e as visitas "indesejadas" agora me fazem falta. Quero ver meus amigos, passear, assistir Netflix e parar o filme na metade para falar mal da vida dos outros, e (nunca pensei que diria isso) voltar para a escola, pois já não aguento mais ter que ficar olhando pra tela do computador.

Infelizmente, tudo o que quero fazer se encontra do lado de fora de casa, porém o melhor para todos é não sair. Quanto mais gente sai às ruas ignorando o isolamento, achando que ainda podem realizar tudo o que querem normalmente, mais pessoas são infectadas e mais dias são acrescentados a essa infundável quarentena. Consequência: mais gente fica sem se ver pessoalmente e, pior, fica sem a bendita Netflix (ainda que todo mundo pare o filme na metade). Mas será que estes indivíduos estão indo às ruas por não suportarem mais ficar em casa? Será que o motivo dessas saídas (na maioria sem necessidade) é o fato de eles estarem se sentindo ansiosos demais, assim como eu?

O tempo passa, a pandemia se alastra e minha ansiedade só aumenta. Aquela estranha sensação de agonia não me abandona. Por não ter mais nada para fazer, estava começando a me achar inútil. "Por quanto tempo

terei que aguentar isso?" "Quando isso vai acabar?", são perguntas que me faço todos os dias e que não querem calar. Alguns podem pensar que eu estou exagerando, mas só eu sei o quanto essa mudança está me afetando.

Olho ao meu redor e as paredes parecem estar diminuindo nesses dias que não tem mais fim. Talvez eu devesse tirar um tempo para organizar meus pensamentos, já que agora tenho tempo de sobra, pois eles estão começando a confundir minha cabeça. Porém, sinto como se toda vez que os organizo, mais bagunçados eles ficam, talvez isso seja um dos tão falados "efeitos da quarentena". E, assim, sigo o tempo que sobra tempo.

